ORAÇAÕ FUNEBRE,

QUE

NAS EXEQUIAS DO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO IMPERADOR E REI

O SENHOR

D. JOAÕ SEXTO,

CELEBRADAS NA BASILICA

DO

CORAÇAÕ DE JESUS,

NO DIA 10 DE ABRIL DE 1826,

PRE'GOU

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

PRESBYTERO SECULAR.

LISBOA. 1826.

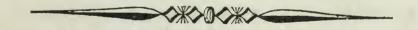
NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Dedit Deus Sapientiam Salomoni, et prudentiam multam nimis, et latitudinem cordis.... ut nemo fuerit similis tui in Regibus cunctis retro diebus.

Deos deo a Salomaõ muita Sabedoria, e mui excessiva prudencia, hum coraçaõ grande, e magnanimo, que naõ teve similhante em todos os Reis que o precedêraõ.

Livro 3.° *dos Reis*, *Cap.* 4.° ℣. 29., e 3.° ℣. 13.

1.

DEsvanece-se, e passa a figura, ou a scena deste Mundo. O homem, Ente racional elevado acima dos outros seres, nasce para exercitar sobre elles hum imperio ou hum dominio sem limites; porque pelo decreto da creaçaõ Deos o quiz collocar nesta sublime jerarquia; e nesta mesma dignidade, por huma continuada cadeia, e serie de estragos, e ruinas, corre precipitadamente do berço para o túmulo, sem que o dispense desta lei nem a sabedoria, nem a ignorancia, nem a força, nem a fra-

queza, nem a elevaçaõ de hum Throno, nem a humildade, e abatimento de huma choupana. Esta eterna disposiçaõ, ou decreto he inevitavel. Todos nascemos sujeitos a este universal Imperio da Morte.

2.

Quizera a Divina Providencia, que esta verdade taõ conhecida, e que esta lembrança taõ necessaria ao Christaõ, em nós se despertasse por outro motivo, que naõ fosse o do presente, e lúgubre espectáculo! Naõ faltavaõ, naõ, outros argumentos menos funestos, outras próvas menos luctuosas para nos mostrarem aquella verdade de que ninguem póde duvidar, que assim como he commum aos Monarcas, e aos Vassallos dar com as lagrimas principio á sua existencia, assim tambem na morte lhes naõ he concedida alguma distincçaõ, ou algum privilegio; e se ha alguma distincçaõ, he constar ao Mundo com mais universal, e diuturno brado, que morreo finalmente o que era mortal. Quizera a Divina Providencia, torno a dizer, que outro motivo posesse diante de nossos olhos a rapidez, e incerteza da vida, (que pende de huma respiraçaõ), a lei inexoravel da morte, á qual nenhum homem he superior, a vaidade das grandezas humanas, e o silencio eterno da sepultura!!

3.

O magestoso lucto deste augusto Templo, a fúnebre pompa daquelle Mausoléo como hum Padraõ levantado; a amargura, a tristeza, a mágoa, o sentimento, a dôr, expressa em lúgubres sombras no semblante de todos os que me escutaõ, porque este grande, terrivel,

prematuro, e inesperado golpe a todos interessa, a todos toca; me dizem com lastimosos brados, que, pelo Estatuto commum da Natureza, pagára o indeclinavel tributo ao Imperio da Morte... o Muito Alto, e Muito Poderoso Imperador e Rei o Senhor D. JOAÕ o Sexto deste nome, e o melhor dos Monarcas deste nome. Grande o 1.° pelo valor, e gloria militar; Grande o 2.° pela justiça; Grande o 3.° pela religiaõ; Grande o 4.° pela prudencia, e pela politica; Grande o 5.° pela magnificencia e magestade; Maior o 6.° pela milagrosa reuniaõ de todas as virtudes, que podem fazer perfeito o homem como homem, como Christaõ, e como Soberano. Nós o perdemos, e nelle perdêraõ os Monarcas hum exemplar, e os Vassallos hum Pai. Nada póde dizer mais a Eloquencia do que estas duas palavras exprimem: Exemplar dos que governaõ, Pai dos que saõ governados. Os Troféos de louvor que levantáraõ, e consagráraõ, (e que inda os seculos respeitaõ,) Plinio a Trajano, Pacato a Theodosio, Eusebio a Constantino, naõ disseraõ mais, nem disseraõ tanto destes homens immortaes na fama, e na estimaçaõ dos outros homens. Assim fallo, Senhores, assim fallo, porque já naõ há perigo de que me tente a adulaçaõ para o louvar, nem de que o tente a elle a vaidade, porque o louvo.

4.

Hoje se dará hum novo espectaculo ao Mundo, para que o Mundo se assombre, os Reis aprendaõ, a censura emudeça, o espirito demagogico de seculo se confunda, e a orgulhosa Filosofia se envergonhe; naõ será hum homem só quem exalte as virtudes, e publi-

que o louvor de taõ Grande Monarca, seraõ todos: sim, seraõ todos, porque na voz de hum Orador, minimo entre todos, ouvireis a voz de toda a Naçaõ Portugueza, e porque, como se naõ deve ouvir senaõ a verdade, nos manifestos sentimentos de toda a Naçaõ ouvireis a verdade. Repetirei o que a Naçaõ Portugueza tem feito, o que eu mesmo vi, o que a Europa sabe, o que o Mundo inteiro admira.

5.

Saõ inexhaustos os Thesouros da Divina Omnipotencia, e quando communica, e derrama seus dons, naõ os limita, e circunscreve a hum só individuo, ou naõ os encerra em hum só sujeito. *Dat omnibus affluenter.* Antes do Grande Monarca, que taõ cedo nos arrebatou a morte, nós cuidavamos que as qualidades, os dons, as graças que Deos tinha communicado a Salomaõ, lhe eraõ peculiares, e privativas sómente a elle; huma sabedoria consummada, huma prudencia profunda, huma singular grandeza de coraçaõ, qual nunca aos outros Monarcas tinha sido concedida; depois de trinta seculos nós vemos comparecer estes mesmos prodigios sobre a grande scena do Mundo na Pessoa do nosso Augusto, e pranteado Monarca. A mais difficil das sciencias he a sciencia de reinar, elle a teve; a mais necessaria virtude em hum Soberano, que governa os homens, he huma consummada prudencia, elle a possuio; a mais sublime qualidade de que póde ser adornado hum Imperante, he grandeza, e magnanimidade de coraçaõ, elle a gozou em grão supremo. Deos quiz manifestar estes tres predicados em o nosso Augus-

to Soberano de huma maneira verdadeiramente extraordinaria, elle o quiz comprovar, e conhecer por meio de trabalhos, e golpes taes, que parece excederem toda a força da humana natureza, podendo dizer com o Monarca de Israel no extremo passo de sua existencia: *Domine, probasti me, et cognovisti me.* A Naçaõ toda dirá, que elle soube reinar: a Naçaõ toda dirá, que elle reinára com prudencia: a Naçaõ toda dirá, que em huma, e outra Fortuna, elle reinára com coraçaõ magnanimo. Senhora, suspenda VOSSA ALTEZA SERENISSIMA as suas lagrimas; modere o seu sentimento; a vida de seu Augusto Pai, Rei, e Senhor nosso, nunca terá fim, nem no esquecimento dos presentes, nem no silencio dos vindouros, será sempre permanente no coraçaõ de todos os verdadeiros Portuguezes, que, se deixaõ de o ter presente a seus olhos, nunca o teraõ separado nem do seu amor, nem da sua memoria.

6.

Naõ se haõ de offender os bons porque eu diga menos das Virtudes de taõ Grande Monarca; nem os máos, se acaso me escutaõ, se offenderáõ tambem porque eu diga mais, pois naõ póde haver nem excésso de escacez, nem excésso de lizonja onde naõ se ha de ouvir nem conhecer mais que a verdade.

DISCURSO.

7.

HE taõ portentoso, taõ admiravel o Quadro, que aos olhos do Mundo inteiro offerece a Monarquia Portugueza desde a sua origem, estabelecimento e fundaçaõ até este instante em que vos fallo, que eu a naõ posso considerar como Christaõ, e até como Filosofo, sem que reconheça, e confesse hum particular, e distincto cuidado da Providencia em sua conservaçaõ, e na sua gloria: mil vezes tenho exclamado como Christaõ elevando os olhos ao Ceo: *Non fecit taliter omni Nationi, et judicia sua non manifestavit eis.* Assim naõ tem sido Deos para com as outras Nações, nem assim lhes descobrio seus profundos, e imperscrutaveis juizos! Mil vezes tenho exclamado como Filosofo volvendo os olhos para os Fastos da Historia do Mundo, ou Annaes de todas as Nações: — Pelo valor das Armas, pela sabedoria das Leis, pela magnanima Politica, nenhum Imperio na Terra foi ainda nem maior na virtude, nem mais dilatado nas conquistas, nem mais honrado nas acções. Esta verdade se póde annunciar com segurança até no meio daquellas catástrofes que mais parece haverem abatido, e annuveado o claro esplendor da sua gloria, e

da sua grandeza. Estas saõ as próvas de huma especial Providencia, a qual podendo sempre por si mesma executar seus prodigios, quiz sempre servir-se de visiveis instrumentos, como de causas occasionaes, e secundarias de taõ maravilhosos effeitos. E que outros instrumentos podemos nós reconhecer, e confessar, que naõ sejaõ os Senhores Reis destes Reinos? De quantos se póde dizer aquillo mesmo que as Santas Escrituras nos dizem de David: — Homens formados pelos moldes do coraçaõ de Deos! Nomear a todos, seria muito para hum discurso; deixar de nomear algum, seria huma exclusaõ que a Justiça naõ póde consentir. Ouvi, ó Ceos, o que vou dizer, pasmem os homens ao que vaõ escutar-me!

8.

Os Sarracenos, que, depois de extincta a dominaçaõ Goda, pelo espaço de mais de trezentos annos tinhaõ possuido, e conquistado Portugal, dispersos, afugentados, vencidos de batalha em batalha, de victoria em victoria desde as margens do Douro até as campinas de Ourique, com vivos, e furiosos assaltos tomadas as suas Praças, entrados os seus Castellos, até que cinco Potentados vencidos ouvíraõ no meio de sua mesma derrota as vozes daquella acclamaçaõ que constituio no Throno Portuguez o primeiro de seus Monarcas: os mesmos Sarracenos segunda vez vencidos, e dispersos desde as margens do Téjo até ás ribeiras do Guadalquibir: Portugal já todo Portuguez desde a Barra de Caminha até ao Cabo de S. Vicente, sem a presença de hum Sarraceno armado: os Reinos de Leaõ sem feudo, e de Aragaõ sem dependencia, buscando a sua al-

liança, e participando da sua gloria; crescendo a sua populaçaõ, cercando-se de muralhas suas grandes Cidades, Villas, e Fortalezas, dilatando-se prodigiosamente sua Agricultura, apparecendo a luz das Sciencias, e das Artes, concebendo-se, e publicando-se prudentissimas Leis, sustentando-se sua independencia, e firmando-se seu Throno sobre os troféos da mais illustre victoria; eis-aqui o Quadro, que á contemplaçaõ do Mundo offerece Portugal no primeiro periodo de sua politica existencia, desde a batalha de Ourique, até á sanguinosa lide de Aljubarrota.

9.

Se deste ponto vou alongando rapidamente a vista pelos seculos que se seguem, quanto mais vou progredindo, maiores prodigios se me apresentaõ. Começa a vadear-se, e a romper-se o intacto Oceano, e vejo já tremular o Estandarte Portuguez nas altas torres, e muralhas Africanas, entrando pelas portas de Ceuta as armas, e os guerreiros da Europa, que depois dos Scipiões, e dos Mários, e depois dos ferozes Gensericos, e Vandalicas falanges, nunca alli tinhaõ apparecido. Vejo, em quanto pelo Atlantico se vaõ descobrindo, e conquistando Ilhas desconhecidas, e pelo lado Occidental d'Africa Nações barbaras, e estranhas, entrarem victoriosamente os Portuguezes pelos arrazados baluartes de Tangere, de Arzila, de Safim, de Marzagaõ, até baterem com os contos das lanças ás portas de Tetuaõ, e de Marrocos. Vejo Portugal naõ contente de se assenhorear de huma taõ grande parte da Mauritania Tingitana, ir rompendo mais, e mais o nunca d'antes navegado Oceano, e juntando á sua Coroa quanto he po-

voado desde as bocas do Senegal até á Angra, ou Bahia de Santa Helena, juntando por Conquista a seus titulos o Senhorio de Guiné, e o vasto Reino de Angola; e como se julgasse estreitos os limites de taõ vasto Imperio, ir, depois de tantas, e taõ arriscadas tentativas, dobrar o formidavel, e tormentoso Cabo, que pelo lado Austral limita a Africa, levantando troféos de gloria, e de valor, por aquellas abrazadas costas, e ardentes regiões da Ethiopia Oriental, até que finalmente podesse tocar pelo Oceano aquella vasta, poderosa, e opulentissima Asia, de que podemos dizer que foi primeiro conquistada que vista, porque só com o terror do nome Portuguez, sem verem ainda lampejar suas espadas, se fizeraõ tributarios ao Solio Lusitano tantos Reinos, e tantas Monarquias. Vejo com tantos prodigios espantada a Europa, quando ouvia pela confissaõ dos Póvos conquistados, que Portugal era Arbitro, e Senhor verdadeiro de todo o espaço litoral da mesma Asia desde as bocas do Mar Roxo até ao extremo da Terra que se acaba com as dispersas Ilhas que os Japões habitaõ, sem se omittirem aquellas que lagèaõ em taõ vasta extensaõ todo o Oceano Pacifico.

10.

Vejo, em quanto Portugal senhorêa a Asia, povoa os immensos Presidios d'Africa Oriental, e Occidental, e conserva atada a seu jugo taõ grande parte da Mauritania, descobrir, conquistar, povoar, policiar taõ vastos paizes da naõ sonhada America, quantos s' estendem desde a foz do Amazonas até a embocadura do Prata, e tudo isto simultaneamente, e quando para tanto parece que naõ bastavaõ todos os Póvos da Europa for-

mados em exercitos, e todos os Bosques da mesma convertidos em Náos fortes, e alterosas para levarem ao fim taõ vastas, e arriscadas emprezas, executado tudo por poucos braços sem auxilio estranho, ou força, e intervençaõ alheia. Vejo Portugal com tantos thesouros, com taõ desmedida dominaçaõ, com taõ dilatado commercio, com taõ espantosas navegaçoẽs, tornado o Emporio do Mundo, o centro, e o manancial da opulencia, o Arbitro dos destinos de tantos Póvos, o objecto do respeito, do temor, e da inveja de tantos Monarcas, que ou se arrecêaõ de suas armas, ou buscaõ sua alliança, porque se Carlos 5.° dá as Leis a tantos Imperios Europeos subjugados, naõ quer para Esposa senaõ huma filha do Rei de Portugal. Vejo esta gloria ir progredindo a mais, e a mais, até á fatal perda naquelles ardentes areaes da Mauritania, onde tantas coroas tinha conseguido: e se aqui lhe vejo fechar seu segundo Periodo, e fazer huma pausa luctuosa, he para surgir, ou emergir deste diuturno eclipse com mais brilhante esplendor, ou maior copia de luzes.

11.

Vejo Portugal depois d'hum captiveiro de sessenta annos, como a Palma, que quanto maior he o pezo que a opprime, mais forte, e mais robusta levanta a magestosa cabeça, despedaçar, como Sansaõ quando desperta, as cadêas com que estava prezo. Vejo ser independente quando quer ser independente, e, que no mesmo momento em que luta com o maior poder, e maior Imperio da Europa de quem era parte, sustentando-se na mesma Europa com hum braço, com o outro recobra gloriosamente o que lhe haviaõ usurpado na Asia, na

Africa, e na America, com vinte e sete annos de encarniçada guerra, nunca cançado de combates, dicta as condições da paz na base da sua segura, e reconhecida independencia, obrigando a dizer a seus mesmos inimigos, e oppressores, que era Deos, e naõ os homens, quem assim o tinha querido. Vejo Portugal, depois de 167 annos de gloria, e de liberdade, cahir pela mais atroz de todas as perfidias de que todos os seculos tinhaõ sido testemunhas nas mãos da Tyrannia, e gemer nos ferros da oppressaõ, dobrando o pescoço ao mesmo jugo a que o tinhaõ dobrado tantos Póvos da Europa; foi momentanea esta sombra, hum raio de luz da honra Portugueza a dissipa, e com seu poderoso grito desperta do lethargo todas as Nações da Terra: até depois do retalhado, e dividido Portugal, eu o vejo divinamente guardado, podendo ainda fazer de dispersos retalhos hum vasto, e poderoso Imperio.

12.

Quaes saõ os instrumentos de que a Divina Providencia se serve, e tem até agora servido para conservar em taõ prodigioso estado de gloria este Reino, que he posse, e he herança do mesmo Deos? Responda a mesma Naçaõ, e de tres milhões de vozes, forme-se huma só voz.... Que lhe escutamos dizer?.. Os Monarcas Portuguezes. Tudo a elles se deve. Deixai, deixai, que eu nesta perda, e nesta magoa pública, e universal, tenha hum desaffogo, e o Mundo mais hum claraõ de luz no conhecimento dos Portuguezes. Affonso 1.°, Sancho 1.°, Affonso 3.° firmaõ a independencia do Reino, e estendem mais seus limites com o total exter-

minio dos Sarracenos. Affonso 2.°, Sancho 2.°, Diniz, povoaõ o Reino e o cultivaõ, muraõ Cidades, erguem Castellos, promulgaõ Leis, edificaõ Templos, fundaõ Hospitaes, animaõ o Commercio, e amaciaõ os costumes, despindo-os da antiga ferocidade: Affonso 4.° dilata a gloria do Reino com as victorias: Pedro 1.° com a Justiça, Fernando com as Artes e Commercio, cercando Lisboa, Obidos, e Evora de muralhas fortissimas: Joaõ 1.° com a restauraçaõ, e liberdade do Reino, obra maior que a sua fundaçaõ: Duarte seu filho, Affonso 5.°, Joaõ 2.° com seus descobrimentos, e conquistas: Manoel com sua fortuna, Joaõ 3.° com a Religiaõ, o mesmo Sebastiaõ com seu esforço, e com suas victorias n'Asia, e tambem, em seus primeiros annos, n'Africa: Joaõ 4.° com sua resoluçaõ, e politica, Affonso 6.° com suas victorias, Pedro 2.° com sua inteireza, Joaõ 5.° com sua magnificencia, e riqueza, com seu amor á Religiaõ, e respeito ao Divino Culto: José 1.° com a sabedoria de que foraõ próvas tantas Leis, tantos estabelecimentos, tantas instituições com que fez o mesmo Reino independente da força, das artes, e da industria estrangeira, e conservou intacta a gloria, e a honra do nome Portuguez. Fallar em sua Augusta Filha a Senhora D. MARIA 1.ª he apresentar aos olhos, e á contemplaçaõ do Mundo o Quadro de todas as perfeições da sublime dignidade Real, o Reino que ella tanto engrandeceo, e prosperamente dilatou. Chegamos com o discurso áquelle ponto que já de taõ longe o vosso entendimento estava aguardando, e taõ difficil para mim, porque no conhecimento do que perdemos, vamos renovar a grandeza, e a profundidade da nossa dôr, e do nosso sentimento.

13.

Nenhum, nenhum dos precedentes Monarcas, cujo nome, e acções acabo de despertar em vossa memoria, subio ao Sólio Portuguez em taõ difficeis, e extraordinarias circunstancias, porque nunca o Mundo tinha apresentado hum Quadro semelhante, nem na fluctuaçaõ das Républicas Gregas, nem na sempre vacillante Magestade do Romano Imperio, como o Augustissimo Senhor Imperador, e Rei, cuja perda naõ tem remedio, nem em si, nem em suas politicas consequencias. O maior, e o mais violento abalo, que desde o primeiro passo, que se deo para a civilizaçaõ, tinhaõ sentido as sociedades humanas, foi, e todos o sabemos, a Revoluçaõ Franceza. Decretou-se, e sustentou-se com a força das armas naõ só a aboliçaõ dos princípios da moral natural, e os innatos sentimentos da Religiaõ, mas a destruiçaõ, e o exterminio de todos os Thronos, e até os ultimos vestigios das fórmulas Monarquicas, com tanta raiva, odio, e rancor, que até me parece, que naõ queriaõ o estado Républicano, mas a confusaõ, e a barbaridade da agreste Natureza em seu berço. Nestes infaustos dias de lucto, de sangue, e de ruinas, nestes momentos de vertigem, e de frenezi revolucionario, quando as cabeças dos Reis saltavaõ truncadas nos cadafalços, e em que nenhumas das instituições sociaes tinhaõ firmeza, ou se podiaõ prometter conservaçaõ, Sua Magestade assumio a si o governo da herança de seus Pais, e tambem sua. Aqui se começaõ a manifestar sobre elle as vistas da Providencia, e a se descobrirem em Sua Augusta Pessoa aquellas mesmas qualidades, aquelles identicos predicados, que Deos communicára a Sa-

lomaõ; huma sabedoria profunda, huma prudencia consummada, huma grandeza, e docilidade de coraçaõ, qual se naõ tinha visto, e admirado em nenhum de seus Predecessores; porque se os outros tinhaõ fundado o Reino, dilatado, e glorificado a Monarquia augmentando Conquistas, e Dominios, subjugando Nações barbaras, e augmentando com seus despojos as riquezas, e a opulencia do mesmo Reino, Sua Magestade o soube conservar entre tantos contrarios, e entre o estrondo dos golpes, que arruinavaõ, e desfaziaõ as outras Monarquias. Isto he mais que expulsar os Sarracenos, dar em Aljubarrota aos Portuguezes hum Rei seu natural, isto he mais, que acclamar na manhã do 1.° de Dezembro de 1640 hum Monarca a quem por herança, por sangue, e por virtudes era devído o Sceptro. Como vós, Senhores, conheceis a grandeza, e a força dos obstaculos que existiaõ para a sua conservaçaõ no meio das convulsões do Mundo, facilmente reconhecereis, que he maior obra conservallo, que havello assim defendido, ou restabelecido. Se a honra, se a gloria, se o caracter Portuguez pediaõ que se conservasse com as armas no meio de tantas oscillações, dando huma próva de valor no ensaio da guerra do Rossilhon, a experiencia mostrou a Sua Magestade que nenhuma força existia equivalente á do espantoso Colosso da Revoluçaõ, e que o Reino, que era seu, só se podia conservar pela prudencia, e pela sabedoria, e pela grandeza de seu coraçaõ na profusaõ dos thesouros. Salomaõ a quem Deos tinha communicado estas mesmas graças, estes mesmos dóns de sabedoria, e prudencia, naõ obraria de outra maneira constituido em identicas circunstancias; nem

de outro modo usaria de seus immensos thesouros. E que víraõ nossos olhos nesta época funestissima? Em quanto arde, e ferve a Europa em guerra, em quanto no mesmo fervor da guerra se tornaõ infructuosas todas as Coalisões das maiores, e mais aguerridas Potencias Européas, vendo correr inutilmente o sangue de milhões de combatentes, ficando escravos da Tyrannia Demagógica tantos Póvos livres, perdendo tantos Reinos, e Répúblicas naõ só a Soberania, porém até o nome porque até alli eraõ conhecidos, em quanto a Terra, e os Mares parecem pequenos theatros para taõ grandes Tragedias; em quanto huma serie de victorias faz emudecer o Mundo attonito, e agrilhoado, Portugal conserva aquella equilibrada neutralidade, que o fez prosperar no Commercio, que em seu seio derramou a opulencia, e conservou intacta a integridade das suas possessões, e sem mancha a luz da sua antiga grandeza, e magestade. Assim vimos Portugal conservando a paz pela sua virtude, e com ella a abundancia em seus Pórtos, e em suas Cidades, em quanto as irreconciliaveis rivaes, a Inglaterra, e a França, empenhadas em sua mutua ruina, naõ se fartavaõ nem de sangue, nem de mortes. E que outra coisa póde ser este estado de repouso em Portugal senaõ hum effeito da sabedoria, e prudencia daquelle Monarca (ai dôr!) que já naõ possuimos, e a quem Deos se dignára communicar as mesmas graças que tinha dado a Salomaõ? E se me disserem que essa neutralidade fora estipulada pelo préço do nosso oiro, e naõ pelo manejo da nossa Politiça, eu direi, que isso mesmo era hum effeito da grandéza, e magnanimidade de seu coraçaõ, para lhe naõ faltar nenhum dos

predicados, que tanto distinguíraõ, e exaltáraõ o Monorca de Israel, e com que excedéo todos os seus Predecessores.

14.

A ambiçaõ, e a suberba sempre sobem, e o furor da universal dominaçaõ naõ deixava o Monstro oppressor da Terra, nem a fé sacrosanta dos Tratados, nem os thesouros por elle extorquidos lhe estancavaõ a sede das fetaes conquistas, a guerra era o seu natural elemento, e hum só Povo em paz era para elle huma offensa, ou huma permanente injúria. Huma guerra naõ provocada vem assolar, e profanar o territorio Portuguez, e nós vimos em 1801 huma daquellas injustiças, que apenas o 4.º e 5.º Seculo veriaõ nas invasões dos barbaros do Norte nos Reinos Meridionaes da Europa, sem outro manifesto de guerra mais que o furor de Legiões indómitas. Huma alliança antiga he sempre o pretexto dos males que os barbaros tantas vezes nos trouxeraõ. Esta primeira combinaçaõ das forças de duas grandes Potencias ameaçava hum golpe tal, que naõ podia ser ou suspenso, ou reparado senaõ por huma paz obtida por hum doloroso sacrificio. E quando poderiaõ os Portuguezes acceitar aquellas condições a que se sugeitáraõ pelo Tratado de Badajoz? Mas a prudencia dictava, que, sem deixar de sentir a perda de huma só pollegada de territorio Portuguez, tivessemos por esta perda a conservaçaõ do todo, e a paz tem mais preço que innumeraveis triunfos; foi sensivel este golpe para o coraçaõ de Sua Magestade, mas a sua sabedoria, e a sua prudencia naõ lhe podiaõ proporcionar outro recurso para a salvaçaõ do Reino, e, se deminuio hum

pouco em sua extensaõ geografica, lá se estenderia depois com huma nova Conquista no Hemisferio opposto: vejo, e admiro desde esta época correr hum curto, mas glorioso periodo de seis annos, em que pela prudencia, e sabedoria de Sua Magestade entre as oscillações espantosas da Europa inteira, se derramaõ no seio de Portugal as torrentes da opulencia, e a abundancia da paz.

15.

Chegamos com o discurso áquelle ponto em que os nossos animos até com a lembrança se devem profundamente horrorizar. O Mundo que chamamos politico, chegou a hum gráo de confusaõ tal, que no exame de todos os Annaes, e de todas as Historias do mesmo Mundo eu naõ acho outra semelhante. Considero os Thronos da Europa, vejo-os desamparados de seus legitimos Imperantes; a Hespanha naõ tem em si o seu Soberano, naõ o conserva Napoles, naõ o possue a Sardanha, vacilla em si mesma a Austria, teme-se a Prussia, já a si mesma se naõ conhece a Hollanda, anniquillaõ-se as pequenas dominações da Italia, acaba a diuturna Magestade de Veneza, ora surge, ora se desvanece o Reino de Etruria, ora se mostraõ, ora se evaporaõ essas momentaneas Répúblicas Cisalpinas, e Transalpinas, ora a Italia toda he hum só Reino, e logo he toda hum campo de batalha retalhado, e dividido, tanto pelas derrotas, como pelas victorias, ora de hum, ora de outro exercito combatente; finalmente vejo os Reinos transformados em Répúblicas, as Répúblicas em Reinos. A Historia daquelles dias he a Historia das invasões, das rapinas, das traições, e das perfidias. Fi-

xo os olhos sobre Portugal, e de horrorizado recúo, e fico interdicto, e mudo. Abre-se diante de meus olhos a sua Historia, e em toda ella naõ descubro huma época taõ funesta. Eu confiava, que entre nós se cumpriria sempre aquella mesma promessa, que se fez á Casa de Jacob: *Non deficiet ex te vir, qui regat populum meum.* Quando vi repentinamente inundar-se o Reino, e atulhar-se a Capital de dois exercitos combinados.... Portuguezes, naõ vos envergonheis, nem vos confundais; aquelles barbaros sabiaõ, (e bem depressa o conhecêraõ) que naõ podiaõ entrar pela força, e que só saudando-vos como amigos, poderiaõ bater huma caixa de guerra em vossas ruas, e em vossas praças. Estavaõ em Portugal, porque lho deraõ, e naõ porque o tomáraõ. Foi surpreza de perfidia, naõ foi conquista de guerra; foi o osculo da traiçaõ, e naõ foi o valor das armas: se as medissem, sentiriaõ ainda mais na entrada do que sentiraõ na retirada, e tanto os cobriria de confusaõ o recebimento, como os cobrio depois a fugida. Cinzas do Grande Monarca, ossos humilhados na sepultura, exultai, e ouvi ainda o que vos dizem os Portuguezes; o Rei de Portugal naõ seria cativo em quanto houvesse hum só Portuguez vivo, e armado: a huma parte de vosso Imperio vos deixariaõ ir os Portuguezes; mas sem perderem todos a vida, naõ vos deixariaõ pizar o territorio estranho; e se fosseis, irieis como triunfador, e naõ como prisioneiro. Deos que permittio que Sedecias fosse cativo a Babylonia, naõ havia de permittir que entrasse cativo em França o Rei de Portugal. Sedecias tinha idolatrado, o Monarca Portuguez naõ conhecia outro Deos mais do que Deos.

16.

Sigamos a Sua Magestade neste transe unico nos Fastos Nacionaes. Vencer era proprio dos Portuguezes, mas vencer sem batalha era impossivel; batalhar sem sangue, impraticavel: a gloria do nome Portuguez pede este sangue, o amor que o Monarca tem ao Povo Portuguez, manda que se poupe este sangue: mas entre a gloria, e o amor decide a Sabedoria, e triunfa a prudencia. He preciso hum grande, e doloroso sacrificio, mas Sua Magestade tem hum coraçaõ igual em magnanimidade á sua profunda Sabedoria, e consummada prudencia. Vede em sua retirada os resultados destas Virtudes. Conserva-se a Real Dynastia de Bragança: e naõ he esta conservaçaõ o maior bem para os Portuguezes? Poupa-se o sangue dos Portuguezes, que a Providencia guarda para abrirem o passo para a Liberdade do Mundo; desconcertaõ-se, desvanecem-se todos os projectos do Usurpador para conseguir o Imperio universal, ficaõ illudidos todos os artefícios da malicia, todos os vastos planos do infernal Genio das Revoluções, e fica patente hum largo campo em que depois ostente os seus prodigios a Fidelidade Portugueza. O Rei sabio, e prudente ensina o seu Povo, e os fructos de sua prudencia saõ a gloria, e conservaçaõ do mesmo, nos diz o Espirito Santo pelo Ecclesiastico. Vós, Senhores, que descobris no meu rosto, e percebeis nas minhas palavras a imparcialidade, sabei que naquelles dias o transtorno, ou a mudança do systema politico do Brasil relativamente aos Póvos estranhos, naõ foi hum lance da prudencia do nosso Augusto Soberano (ninguem lhe negará a perspicacia, elle antevia o futuro), talvez

procedesse, ou da insufficiencia de hum Ministro, ou da irresistivel influencia estrangeira, que naõ soube, ou que naõ quiz conhecer, que o Reino de Portugal ficava nas mãos dos Portuguezes, que elles o saberiaõ conservar, como a experiencia mostrou á Europa assombrada; mas desculpemos este sensivel golpe com os estreitos limites do entendimento humano fallivel em seus calculos, e combinações, e com a nossa natural ignorancia dos futuros contingentes. Naõ podia ser huma Colonia o que era a Séde de huma Monarquia, e naõ podia deixar de ser, e chamar-se Reino áquella terra onde pessoalmente reinava hum Rei Portuguez. A Dynastia de Bragança dava necessariamente o nome de Reino ao territorio que pizasse, e naõ se podia chamar huma Colonia o que era habitaçaõ de hum Rei de Portugal. E se disseraõ de Alexandre, que conquistava Reinos para os dar, o Rei de Portugal criava Imperios para os repartir. Tenho respondido á Politica, e consolado os Portuguezes.

17.

A sabedoria, a prudencia, a magnanimidade do coraçaõ de taõ Augusto Soberano, deviaõ ser comprovadas pela Divina Providencia, e patentes aos olhos do Mundo inteiro, e este Monarca até por seus desgostos devia ser unico entre todos os Monarcas Portuguezes. *Ut nemo fuerit similis tui in Regibus cunctis retro diebus.* Quando depois de promulgadas tantas Leis, dadas tantas providencias, tomadas tantas medidas na criaçaõ de hum novo Reino, e na conservaçaõ do antigo, eu chego com a contemplaçaõ das acções sábias, prudentes, magnanimas de Sua Magestade áquelle ponto da sua

existencia em que Portugal veja em si mesmo o que o Mundo inteiro nunca podia imaginar vêr em Portugal, eu vos confesso, que devia descer deste lugar, mudo, attonito, e fulminado, e interromper cheio de dôr este mesmo Ministerio, naõ porque me faltasse o que devia dizer, mas porque naõ devia dizer o que me faltava. Quem ha dentro deste magestoso Templo, que entre si, e comsigo naõ diga: — Este homem quer pôr diante de nossos olhos o quadro fatal, medonho, horroroso, abominando, que ao escandalo do Mundo offereceo Portugal em 1820?

18.

Sim, eu omittiria esta tristissima recordaçaõ, se no meio de tantos horrores eu naõ doscobrisse huma Sentença da Divina Justiça, que com maõ pezada castigava os Portuguezes, e hum troféo levantado á sabedoria, á prudencia, á magnanimidade do coraçaõ do nosso Augusto Soberano. Que em algumas occasiões oscillasse a politica segurança, e a magestade da Monarquia Portugueza, eu naõ me admiro, porque esta he a condiçaõ de todas as associações humanas, seja qual for a fórma de Governo que hajaõ adoptado. Na abdicaçaõ de Sancho 2.°, e no chamamento d'Affonso 3.° ao Throno, nós temos hum exemplo das vicissitudes politicas; mas naõ temos huma ruina das leis fundamentaes, nem huma rebelliaõ contra os direitos da legitimidade. Se vigorosos partidos disputavaõ a exaltaçaõ ao Throno de hum Filho natural na Augusta Pessoa de D. Joaõ 1.°, eu naõ vejo mais que o zelo em sustentar com a espada a Lei primordial da Monarquia, que naõ consente o Reino em mãos

estranhas. Se Pedro 2.º passa a occupar o lugar de Affonso 6.º, com quanta dignidade se declara pela molestia a insufficiencia deste Monarca! Mas alluir os alicerces do Edificio Social, e sobre as suas ruinas levantar com fórma Monarquica, e assim mesmo illusoria, o Fantasma Républicano, com hum tumultuario governo popular encadear a Soberania, proscrever toda a harmonia, e toda a gradaçaõ das classes, dividir todos os poderes que as Leis reuniaõ em hum só, fazer huma impudente guerra aos antigos costumes, e á sempre invariavel Religiaõ, profanar os Templos, insultar o Culto, escarnecer os Ministros, abolir, e affugentar do rosto de muitos Portuguezes a côr do pejo como symbolo da honra; naõ só desprezar, mas perseguir com affrontas, e punir com desterros os que derramavaõ huma só lagrima sobre as ruinas da Pátria; eis-aqui a horrorosa scena que Portugal devia representar aos olhos de todos os homens, feito o ludibrio de huma miseravel facçaõ, cujo sustentáculo saõ as visagens ridiculas de huma Seita vomitada do Inferno para enjôo, e desprezo dos homens de bem; Seita que na caverna se arma de sombras, para poder em luz clara armar-se da força. Em que abysmo de males naõ teve ella precipitado o Povo Portuguez? Nem mãos domesticas, nem mãos estranhas nos vinhaõ arrancar do seio do opprobrio, e da desgraça. O nosso desalento era igual á nossa desventura, e a corrupçaõ moral, que se tinha derramado por tantas, e tantas classes desvanecia as esperanças dos bons; e neste estado (ó Ceos!) quando vimos entrar pela fóz do Téjo o nosso adorado Monarca, nossos corações geláraõ de susto; consultando as regras, e os principios da humana pru-

dencia, e recolhendo os votos da Sabedoria, e da Politica nos pareceo intempestiva a impensada vinda de Sua Magestade, porque nos principios Democraticos taõ altamente proclamados, temiamos, e com razaõ, offuscados os naturaes, e vivos raios da Soberania, e invalidado o independente poder da Magestade; e mais se nos apertou o coraçaõ, quando foi ultrajado o Soberano com a solemnidade de hum juramento extorquido pela rebelliaõ, em que o obrigavaõ a sujeitar-se a huma Lei, que elle naõ dera.

19.

Mas que profundas saõ as vistas da Providencia Divina! O effeito deo a conhecer a grandeza da causa. A nossa liberdade, a nossa restauraçaõ, o restabelecimento de nossos fóros, a derrota, e a confusaõ dos ímpios revolucionarios, a vida civil de todos os Portuguezes, a salvaçaõ de Portugal, deveo-se á sabedoria, á prudencia, á magnanimidade do coraçaõ de Sua Magestade, que com a verdadeira arte de reinar soube dissimular tantas affrontas, tantas injúrias, tantos vilipendios. Sim, vadeou de novo os Mares, cruzou de novo a foz do Téjo, pareceo entregar-se nas mãos de seus verdadeiros inimigos, para que os Portuguezes tivessem hum verdadeiro centro de reuniaõ, para que sua natural virtude unida, podesse obrar, ou reagir com maior força, e alcançar a honra Portugueza huma victoria completa contra a ímpia, e escandalosa rebelliaõ. Vêde a face de Portugal mudada, sem que huma só gota de sangue se derrame. Vêde como hum só passo do Soberano equivale á força de exercitos, que alliados podiaõ vir occupar o territorio Portuguez. Vêde quantos vexames, quantas

oppressões se evitáraõ, quantos damnos, e assolações se suspendêraõ. Onde está esse Colosso da Soberania popular, ou verdadeiramente essa voragem em que se perdia, e sepultava a felicidade, a liberdade, e o repouso de todos os Póvos? Onde existe esse Código chamado sacrilegamente sacrosanto, que apenas tem servido no meio d'outras Nações de alagar a terra de sangue, e de multiplicar tantos, e taõ abominaveis crimes, que nem tem nome nos Annaes da perversidade humana? Tudo se desvaneceo repentinamente, apenas a sabedoria, e a prudencia de Sua Magestade quiz resolutamente marcar o instante de sacudir o jugo. Revolvei na memoria todas as épocas memoraveis da Historia Lusitana em que a Pátria foi salva de imminentes ruinas, e estragos, vede se encontrais huma, que seja mais gloriosa! A Naçaõ coberta de lucto clamava em silencio ao Ceo, e lhe dirigia aquella súpplica de Israel: *Deus judicium tuum Regi da, et justitiam tuam filio Regis.* Senhor, dai o vosso juizo ao Rei, e a espada da vossa justiça ao Filho do Rei. A Sabedoria de Deos manifestou-se no Monarca, e seu Filho foi o instrumento da sua justiça. E se neste instante se elevavaõ ás nuvens orgulhosos Cedros, assim os viamos quando passámos por elles, mas no seguinte instante, volvendo os olhos atraz, já naõ existiaõ.

20.

Bastavaõ taõ estupendas acções para immortalizarem o nome de taõ Grande Soberano; constitui nas mesmas circunstancias o mais sabio, e mais prudente dos Monarcas, por certo naõ se determinaria d'outra sorte; e esta he a maior prova que eu encontro da gran-

deza do coraçaõ de Sua Magestade: dissimular com os ultrages feitos á Soberania, para salvar o Povo, isto vale mais que todas as victorias, porque he hum triunfo, que elle soube alcançar sobre si mesmo, e vencer-se a si he muito mais que vencer os outros.

21.

Se na Sabedoria, e na Prudencia de governar naõ teve entre os outros semelhante: *Non fuit similis tui in Regibus cunctis*; naõ me podereis assignalar hum só Monarca, que o igualasse na magnificencia, e profusaõ das mercês, e dons; naõ fallo só daquelles thesouros moraes, ou titulos honorificos, e distinctos com que se dignou augmentar o esplendor da sua Corte em hum e outro hemisferio; fallo de tantos lugares, de tantos empregos, de tantas instituições vantajosas, de tantas effectivas providencias com que a todos acudia e premiava. Juntai todos os dons, todas as mercês, todos os thesouros, que deraõ e distribuíraõ em tantos seculos todos os Monarcas seus Predecessores, e Ascendentes, em tudo junto achareis sempre menos do que elle deo, porque da sua Presença ninguem se apartou descontente; se a palavra — naõ — (que se naõ deve escutar a hum Monarca, quando se lhe pede) sahisse da sua boca, seria de tal maneira pronunciada, que obrigaria, e consolaria aquelle mesmo a quem se dirigisse. Qual foi a Viuva, qual o Orfaõ a quem naõ continuasse o Beneficio, que ao Esposo, e ao Pai se tinha feito? Ha só hum intervallo de dias entre a sua morte, e a verdade que vos annuncío, naõ ha hum intervallo de seculos, e como todas as testemunhas estaõ vivas,

ninguem poderá contradizer este oraculo público, e universal: esta magnanimidade, esta liberalidade, taõ vasta como o seu coraçaõ, naõ se limitou unicamente aos seus Vassallos, estendeo-se aos Estranhos, e se naõ foi maior, he porque naõ houve mais quem pedisse, ou a quem se desse. Naõ se póde encerrar todo o Oceano no estreito ambito de huma concha, nem limitar a hum só discurso o Quadro immenso de suas Virtudes.

22.

Nesta portentosa effusaõ de dons parece que só deixava para si o seu coraçaõ, nem queria outra opulencia mai que as suas virtudes, e media a sua existencia pe- prática, e pelo exercicio destas mesmas virtudes. Se he admiravel a sua liberalidade, he maior ainda a sua clemencia; perdoar as offensas pessoaes, he huma Lei promulgada no seu coraçaõ por duas supremas Authoridades, a primeira he a Natureza, a segunda he o Evangelho; perdoar as offensas públicas, seria desobedecer ao Imperio da Justiça, e sem Justiça naõ tem alicerce o Throno; mas diga-se o que de nenhum Soberano se pôde dizer até agora, antes que o golpe cahisse na cabeça do culpado, primeiro feria o seu coraçaõ: o dia deste golpe era verdadeiramente para Sua Magestade hum dia de lucto. A seus olhos nunca o criminoso deixou de ser hum desgraçado, e distinguindo a culpa da humanidade, punia a culpa, e amava o homem. Porém, exclamaráõ muitos, alguns criminosos deixou sem castigo, e criminosos de Lesa-Soberania. Respondo, Job, Semei, Adonias, e Abiatar, eraõ réos, e tinhaõ offendido atrozmente a David, elle os naõ castiga, mas

diz em seus ultimos momentos a Salomaõ seu filho, e successor, reinarás depois de mim, e naõ os deixarás impunes: *Tu noli pati eos esse inoxios.* Com tudo em coraçaõ taõ generoso naõ podiaõ existir disposições de vingança, que se deixassem como legado. O odio público supprirá sempre hum acto de Justiça, e elle sempre tève o castigo dos máos no amor invariavel que lhe consagraõ os bons.

23.

Parece, Senhores, que eu me esquecia da mais distincta, e soberana virtude, que tanto esmaltára Seu Real Diadema, quero dizer, a Sua Religiaõ: desta virtude em gráo taõ heroico, e sublime dimanavaõ todas as outras; representai-vos em longa serie todos os Monarcas Portuguezes, cujos nomes, todos os seculos repetiráõ com respeito, e com louvor; vereis huns grandes pelo seu esforço, e militares proezas, outros por sua consummada Politica, outros por suas conquistas, e descobrimentos, outros por sua magnanimidade, outros por sua Constancia, Justiça, e Fortaleza, até alguns por sua sciencia; vereis outros levantando, e consagrando a Deos Templos, que excedem, e muito excedem, em magnificencia, em opulencia, em thesouros, o de Salomaõ; nenhum vereis, nenhum encontrareis mais distincto pela Religiaõ, ou deixado a si no silencio, e no retiro do seu Gabinete, ou dado em espectaculo aos Anjos, e aos homens nas sagradas funcções do Sanctuario, e quanto mais se humilhava diante de Deos por sua Religiaõ, e piedade, tanto mais se exaltava no conceito, e na estimaçaõ dos homens, com taõ poderoso exemplo, que jámais em seus dias, ainda que fossem grandes os

esforços dos incrédulos, naõ se atrevêraõ a mostrar de todo, e sem véo, a impudente face. Os Juizos de Deos saõ hum abysmo impérvio ao entendimento humano, e eu naõ sei combinar tantas virtudes, que elle praticára, com tantos, e taõ pezados golpes que soffrera! Isto naõ póde dissimular-se, ou omittir-se. Tudo o que, á violencia da dôr moral, póde rasgar o coraçaõ humano, elle supportou, porque os males, que em diluvios tem alagado a nossa Pátria, mais furiosamente o opprimíraõ, porque elle os sentia, relativamente a seus Vassallos como Pai, e como Rei. He Deos, que o quiz comprovar pela paciencia, e pela mais heroica resignaçaõ; com tantos sentimentos de Religiaõ: quam augusto foi aquelle silencio, que nenhuma queixa interrompeo! Eu naõ devo particularizar nenhum destes golpes, porque naõ devo ir derramar torrentes de amargura na alma de taõ verdadeiros Portuguezes, que existíraõ, existem, e sempre existiráõ. E naõ se vingou? Naõ, porque se nós (estas saõ as expressões do exemplar da resignaçaõ) se nós recebemos os bens das Maõs de Deos, porque naõ havemos receber os males? Assim se compróva hum justo, para merecer hum prémio eterno. Se elle se naõ vinga porque he Christaõ, o Povo Portuguez o vinga porque he fiel.

24.

Sim, a Naçaõ Portugueza, a verdadeiramente Portugueza; e eis-aqui a voz, ou o Orador, que eu vos prometti para dar hum testemunho á verdade, testemunho irrefragavel, porque he público; nunca o poderá contradizer a malicia, assim como nunca o pôde supportar a impiedade. Se o amor, a adhesaõ, o respeito,

a fidelidade a hum Soberano saõ as próvas da bondade e das virtudes de hum Soberano no governo de huma Naçaõ, nenhuma Naçaõ até agora deo mais próvas da sua adhesaõ, e de seu amor a hum Rei, do que o Povo Portuguez deo a Sua Magestade, e por isto, nenhum Monarca mais perfeito, e mais virtuoso. Naõ he cavilosa a minha Dialectica, porque nunca de mais evidentes premissas se derivou mais justa consequencia. Escutai, escutai, porque vos falla Portugal. He preciso, pelo mais doloroso, porém necessario, de todos os golpes, que Sua Magestade deixe o antigo assento da sua Monarquia, e que seja o primeiro Rei que em sua maior extensaõ atravesse o espantoso Oceano: quem de vós se naõ cobrio de lucto neste fatal apartamento? Talvez que naõ mostrasse a Naçaõ maior magoa, e mais profundo pezar, quando lhe expira hum Rei nos Campos d'Africa, do que quando se lhe aparta outro para as solidões da America: foi tal o sentimento, que até a mesma Natureza o quiz participar envolta no véo da mais horrivel tormenta. Esta foi a prova do amor, escutai agora a da fidelidade, e reconhecei nella as virtudes do Soberano. O momento da entrada de tantos, e taõ ferozes inimigos, foi o momento, em que no coraçaõ de todos os Portuguezes se decretou a sua expulsaõ, e o seu exterminio, e se pareceo abafado este incendio de fidelidade, foi para romper depois com mais impeto, e mais actividade, e dispondo-se todos a derramar o sangue para salvar o Rei, e por elle pelejando com assombro do Mundo, deraõ a conhecer pela alegria da victoria, que era elle o mais justo, e o mais virtuoso dos Soberanos. Em que Templo, em que Santuario

se naõ entoáraõ louvores a Deos, porque o Rei era salvo, e a Naçaõ livre? Que Portuguez houve, digno deste nome, que naõ fizesse patente o seu contentamento? Repetem-se as irrupções barbaras, multiplicaõ-se as assolações, apparecem maiores, e mais formidaveis exercitos, mais acreditados, e mais terriveis Generaes, mais cresce o valor, e a honra nos Portuguezes, mais se exalta, e mais se manifesta o seu amor, a sua fidelidade ao Soberano, e em mais clara luz apparecem as virtudes, e a perfeiçaõ deste Monarca que merece taõ públicos, e universaes sacrificios. Se isto naõ he huma prova, entaõ nada póde convencer o entendimento humano.

25.

Se depois de huma longa separaçaõ, sempre desejado, sempre suspirado pelos Portuguezes, sempre objecto de seus votos, e súpplicas a Deos Omnipotente, pela sua conservaçaõ, e pela sua reversaõ, elle apparece repentinamente na fóz do Téjo, o tóque electrico naõ se estende com mais rapidez, doque s'estendeo o sentimento da alegria, da satisfaçaõ, e da paz por todo o ambito da Monarquia Portugueza, e neste lance deo a Naçaõ a próva mais luminosa do seu amor, da sua fidelidade e da sua lealdade ao Soberano, assim como manifestou ainda mais as heroicas virtudes do mesmo glorioso Monarca. Era a Naçaõ dominada, tyrannizada, e opprimida (eu me explico com toda a effusaõ d'alma) por huma facçaõ de freneticos, ou mentecaptos; porque naõ conheciaõ a indole, e o caracter Portuguez, poderia com a apparencia do bem, ser illudida por hum instante, mas conhecendo a verdade, a reacçaõ devia obrar na

razaõ directa da compressaõ: assim mesmo tendo d'antemaõ corrompido a força, usava da força para sustentar a tyrannia, e pronunciando muitas vez a palavra — Rei —, pelo seu procedimento estabeleciaõ, e firmavaõ a tumultuosa Democracia. Na face dos tyrannos, e revolucionarios, sem temer a força, e os estratagemas da malicia, a Naçaõ Portugueza deo claros signaes da sua lealdade, na manifestaçaõ da sua alegria, nada temeo, para dar a conhecer ao Mundo, que o mais justo, e o mais amavel dos Soberanos pelas virtudes do coraçaõ, era o nosso Augusto Monarca, pois vinha sacrificar-se a si para nos salvar a nós. Se finalmente seu coraçaõ magnanimo, tóma a heroica resoluçaõ de pôr hum termo aos seus, e aos nossos males, separando-se a pouca distancia da vista daquella caverna onde rugiaõ os leões famintos do nosso sangue, quero dizer, do permanente insulto da Sua Soberania, e da honra do Povo Portuguez, como ao sôpro do vento impetuoso s'espalha o pó, assim se dissipou, e se desfez o enorme Fantasma da revoluçaõ. Que espectaculo deo Portugal ao Mundo! Vimos a immensa Capital apóz o Monarca, e a fidelidade dos Portuguezes até alli opprimida nos ferros da tyrannia, quebradas as cadêas, deo aquelle livre vôo nos ares, que será memoravel, e eterno nos Fastos do Mundo civilizado, e tantas, e taõ prolongadas demonstrações de alegria, saõ outros tantos pregões das virtudes do Monarca: nada se julgava bastante para exprimir o contentamento, que a todos causava ver hum Rei independente, e confundidos para sempre os sacrilegos esforços da rebelliaõ. Naõ foraõ precisos exercitos, e armas estranhas para restaurar a Monarquia, bastou o

clamor da fidelidade dos Portuguezes, bastáraõ as virtudes do Soberano. Ponde em seu lugar hum Nero, hum Caligula, hum Luiz 11.°, ah! por certo naõ se daria hum passo para o seu restabelecimento! Estes eraõ huns Tyrannos, aquelle era hum Justo.

26.

O que de todo assombra, e assombrará o Mundo, o que de todo dará a conhecer no amor, e fidelidade da Naçaõ, a grandeza, e as virtudes do Soberano, seraõ os ultimos momentos da sua mortal existencia: o termo da vida de hum Rei Tyranno, he o princípio da alegria de hum Povo tyrannizado, vê estalar suas cadêas, quando se québraõ os fios de huma vida detestada; mas quando agoniza, quando morre hum pai, entaõ o lucto, o pranto, a consternaçaõ, pedidos pela Natureza, e pela Justiça, manifestaõ sem equivoco a grandeza do amor que se lhe tinha, e a grandeza do sentimento, que se eterniza, porque se perde. A penas se publíca a infausta nova da repentina molestia de Sua Magestade, eu naõ sei que presentimento funesto, e lastimoso occupa todos os corações, que fazendo-os desconfiar de todos os soccorros humanos, naõ buscaõ outros auxilios que naõ sejaõ os Divinos. Eu, suspenso no meio desta Capital, e como attonito com tal espectáculo, desejei exclamar em todas as Praças, em todos os lugares.... Inimigos do Rei, que tanto tendes affectado e simulado o vosso amor, e adhésaõ, hypocritas da Realeza, e maquinadores de desgraças com apparencias de zelo e de fidelidade, vós, inimigos declarados da Religiaõ, que nunca podestes dissimular o odio que lhe tendes, de-

pois que huma rebelliaõ vos deo a liberdade de vos mostrardes impios, vós, que vos enganastes tanto com o caracter do Povo Portuguez, imaginando que vossas ridiculas theorias o fariaõ desprezar, e aborrecer o Throno e o Altar, vinde, e vede como elle ama, e respeita o Altar e o Throno; nas súpplicas que faz ao Ceo, mostra a força irresistivel da sua fé, e mostra sua fidelidade ao Soberano. Que impio, que incredulo, que havia mostrado tanta ufania no desprezo das Sagradas Imagens, se naõ encheo de confusaõ, e, se he possivel, até de vergonha, e que revolucionario houve que se naõ atterrasse vendo nos geraes sentimentos do Povo a Religiaõ, e o Throno em triunfo! Naõ acabavaõ noite, e dia na extensaõ dos ares os écos das fervorosas súpplicas, que se enviavaõ ao Throno do Omnipotente. De immensas vozes se formava huma só voz que subia ao Ceo que dizia: *Domine, salvum fac Regem*, Senhor, salvai-nos o Rei, e ouvi-nos neste dia em que invocamos vosso Santissimo Nome. Quem mandou enviar estas rogativas ao Ceo? Hum movimento livre, espontaneo, e universal, que naõ teve outra móla, outro elasterio mais que o amor indestructivel que o Povo Portuguez consagrava a hum Monarca perfeitissimo em todas as virtudes, que o podiaõ fazer grande como Homem, como Rei, e como Christaõ. E se o Mundo naõ tivera outros testemunhos destas verdades, que tenho annunciado, bastariaõ estas demonstrações que toda a Naçaõ dera nos ultimos instantes da sua mortal existencia.

27.

Nós naõ temos escutado senaõ louvores, diraõ muitos, por ventura este grande Monarca naõ teria defeitos? Sim, eu respondo com huma pregunta, e este grande Monarca naõ era homem? E este grande homem naõ era Religioso? Naõ nos he demonstrada a salvaçaõ de Salomaõ, mas he evidente a salvaçaõ de David; Deos lhe chama seu Servo, e que pelas suas virtudes perdoava muitas vezes áquelle Povo. Sobre a Idolatria de Salomaõ naõ se escutou a palavra, que se escutou sobre as culpas de David: *Peccavi Domino.* Deos delle se compadeceo, porque he mui grande a sua Misericordia. Comprovou-se sua virtude, pelos seus trabalhos, e expiáraõ-se seus defeitos, pelo pezo dos golpes que supportára. Se esta confissaõ, se estes trabalhos, se estes golpes poderaõ salvar a David, persuadi-vos, Senhores, do que a razaõ, a justiça, e a Fé vos mandaõ persuadir.

Sua Magestade o Imperador, e Rei, o exemplar dos Soberanos, o Pai, e o Amigo dos Portuguezes, morreu: cumprio-se a Lei da Natureza, e Estatuto commum a todos os homens. Morreo como Christaõ, cumprio-se a disposiçaõ da Divina Misericordia, e no meio dos luctos que nos causa a sua morte, a grandeza de suas virtudes nos dá a consolaçaõ, e a certeza de que a sua Alma descança no seio da Eterna Paz.

Disse.

ORAÇÃO FUNEBRE

DO

MUITO ALTO E MUITO PODEROSO SENHOR

DOM PEDRO

D'ALCANTARA DE BRAGANÇA E BOURBON

IMPERADOR DO BRASIL,

REI DE PORTUGAL, E DUQUE DE BRAGANÇA

RECITADA

NA IGREJA DE SÃO VICENTE DE FORA A 24 DE SETEMBRO DE 1835, PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA INFAUSTA MORTE DAQUELLE AUGUSTO PRINCIPE, NAS MAGNIFICAS E POMPOSAS EXEQUIAS, QUE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA II MANDOU ALI FAZER.

POR

D. MARCOS ARCEBISPO ELEITO DE LACEDEMONIA,

PREGADOR DA AUGUSTA PESSOA DA RAINHA.

LISBOA,

NA IMPRENSA NACIONAL.

1835.

Consumatus in brevi explevit tempora multa: Placita enim erat Deo Anima illius: Propter Hoc properavit educere illum de medio iniquitatum.

Sap. C. iv. ℣. 13.

DEDICATORIA

Á

NAÇÃO PORTUGUEZA.

A Heroica Vida e os Feitos Illustres do Libertador dos Portuguezes pertencem á Nação Portugueza.

Os Tyrannos dos Povos esmagaram no anno de 1823 debaixo do peso das armas a Liberdade da Peninsula, e ensuberbecidos por esta iniquidade disseram ás Nações = *Vossa emancipação vos provirá dos Thronos.* Disseram tambem entre si = *Nenhum de nós dará Liberdade ao Povo.*

Pedro o Grande de Portugal, quando Nosso Soberano, Principe Filosofo, amigo dos homens, incapaz de doblez ou traição Libertou os Portuguezes por um Acto espontaneo de Sua Vontade. Por isso contra Elle e contra a Nação emancipada se conspiram todos os poderes da Terra. A Liberdade caiu na nossa Patría á força de baixos enganos, infames traições. A Excelsa Rainha Dona Maria II. foi roubada do seu Throno.

O Heroe Portuguez vendo offendida a Sua Honra, escrava a Nação, Abdica a Co-

rôa do Imperio do Brasil, desembainha a Espada, Vem a Portugal, Restitue o Throno á Sua Augusta Filha e a Liberdade á Nação.

E' pois á Nação Portugueza que eu consagro e dedico a Oração Funebre que recitei em honra do Heroe. Eu não posso pagar outro tributo mais á Memoria do Principe Libertador, senão chorar com os meus Concidadãos sobre os degráos do Tumulo do mais digno dos Homens.

Que a Illustre Nação a que tenho a honra de pertencer, desculpando as faltas da Oração, acceite e acolha benigna a offerta e bons desejos do Orador, sobejamente ficará recompensado e agradecido

O Cidadão Portuguez

Marcos Arcebispo Eleito de Lacedemonia.

ORAÇÃO FUNEBRE

DE

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR DUQUE DE BRAGANÇA.

Vidisti eam oculis tuis, et non transibis ad illam ...... Mortuusque est ibi ...... Fleveruntque eum omnes filii Israel. Deuth. Cap. XXXIV. ℣℣. 4 5 e 8.

Viram teus olhos livre a Patria, que tuas mãos salvaram. Mas tu não gozarás n'ella as delicias da liberdade .... Morreu alli ... e todo o Povo com grande pranto o chorou.

Assim terminou sua existencia o Illustre Libertador dos Hebreus; assim acabou seus dias preciosos o Augusto Libertador dos Portuguezes. Destinados ambos a libertar seus respectivos povos, encheram dignamente a nobre Missão, que lhes fôra confiada, sem que obstaculo algum, por mais forte que fosse, ou por invencivel que parecesse ser, podesse dete-los em sua brilhante e gloriosa carreira. O primeiro quebra as ferreas algemas com que o Tyranno do Egypto manietára a familia de Jacob, e com braço poderoso arranca esta familia do jugo da mais dura e barbara escravidão, e a conduz ao travez dos desertos, aonde goze de seus direitos, religião, leis e costumes. O segundo, por um acto espontaneo de sua vontade soberana, torna cidadãos livres os miseros e desditosos

escravos de um pesado e irracional absolutismo restituindo-lhes generoso foros e direitos, que lhes haviam sido usurpados.

O Libertador de Israel confunde e abate todos os poderes que se oppõe á liberdade dos filhos de Jacob, e sahe triumfante com elles para a terra, que lhes pertencia. O Libertador dos Portuguezes resiste constante e inabalavel a tudo quanto ousa oppor-se á emancipação, que generoso lhes concedêra, e jura e protesta ou salvar o seu povo, vencendo os seus inimigos, ou morrer com este povo fiel, preferindo uma morte gloriosa á sorte aviltadora dos escravos. Aquelle vence e debella não só as hostes armadas dos incircumcisos que lhe disputam o passo, mas vence e debella os partidos e as intrigas daquelles, que não visando senão suas paixões e vinganças, preferiam o captiveiro do Egypto ás delicias da liberdade alcançadas por um Heroe, que elles odeavam. Este debella e vence as hostes armadas que defendem a escravidão, e frustra e inutilisa os esforços da intriga e do odio, sem abalar-se, sem vacilar um momento na nobre marcha que encetára leva ao fim a grande Obra da Redempção dos Portuguezes com espanto e admiração da Europa e do mundo.

O Povo Hebreu, maravilhado á vista do valor e sabedoria do Seu Libertador, cheio de gratidão o proclama Heroe, e declara á face do Ceo e da terra que elle era o Ministro do Deus de seus paes e que a Mão do Senhor estava com elle. O Povo Portuguez possuido da mais profunda admiração á vista do seu Heroe canta agradecido os louvores do Legislador, do Guerreiro, do Amigo, do Bemfeitor, e reconhece religioso o Dedo do Deus de Affonso Henriques nas obras estrondosas pelo Heroe praticadas. O Legislador dos Hebreus, libertado o povo larga elle mesmo o poder, dimitti-se perante o povo, abençoa a Josué filho de Nun a quem o Ceo concede aperfeiçoar a obra de Moyses, e gosar com o povo as doçuras da Liberdade. O Heroe Portuguez salvada a Patria, resgatado o Throno, restaurada a Lei larga o Poder, demitte-se, vê sentada no Throno a Augustissima Rainha D. Maria II, caro e terno objecto da sua

dilecção, a Quem o Ceo concedeu aperfeiçoar a Obra de Seu Augustissimo Pae, e colher com o Povo os fructos da Liberdade que Pedro o Grande de Portugal plantára.

A um e a outro diz o Senhor = Não mais gloria, Heroes, não mais. Tanta como vos coube ainda não gosou mortal algum. Mais que homens vos acreditam os povos. Tendes consumado a vossa Missão, os Povos estão livres, vossos olhos o viram. *Vidisti eam oculis tuis.* Basta, nada mais vos cabe sobre a terra *et non transibis ad illam.* Moyses morre alli chorado por todos os filhos de Israel com grande pranto. O Heroe Portuguez acaba sua preciosa existencia no meio dos gemidos e lagrimas de todos os Portuguezes e de todos os homens livres. *Mortuusque est ibi.. fleverunt que eum omnes filii Israel.*

E Mandais, Rainha, que eu renove a pungente dor que feriu e traspassou, qual pontaguda lança o innocente Coração de V. M. F. na infausta e lamentada morte de Vosso Augusto Pae! E Ordenais, Senhora, que eu rasgue hoje as mal cicatrisadas feridas, que no Vosso Peito e no coração de todos os Portuguezes abriu a prematura morte do Rei, do Legislador, do Pae, do Amigo, do Heroe, do Bemfeitor! Quereis ver lavado aquelle tumulo onde repousam as Preciosas Cinzas do Principe Filosofo, com as lagrimas dos amigos, dos camaradas, dos companheiros d'armas e de todos os fortes de Portugal, que o Heroe conduziu á Victoria? Quereis, Excelsa Rainha, que as abobedas do Sanctuario sejam abaladas com os gritos e gemidos de um povo inconsolavel, que parece queixar-se ao Ceo diante dos Altares da Religião, e na Presença de V. M. F. da perda irreparavel que soffreu? E quando tanto seja do Vosso Agrado, Senhora, para pagardes ao Vosso Bemfeitor e ao Amigo dos Portuguezes este religioso tributo, devo ser eu o escolhido! Eu o Ministro da Religião que o vi, qual frondoso Cedro do Libano nos dias do seu triumfo e da sua gloria, sendo a gloria a alegria e a esperança dos Portuguezes, e que o vi cair ferido da morte, qual flor mimosa cortada pela fouce do cegador?

Cumpram-se, Excelsa Soberana, vossos Votos, refiram-se as brilhantes acções do Heroe Portuguez, do Pae da Patria, do Libertador do Povo, do Muito Alto e Poderoso Senhor D. Pedro IV. Rei de Portugal e dos Algarves, Duque de Bragança e Vosso Augustissimo Pae, que viveu adornado de Honra e Gloria, e morreu, qual sempre fora = Principe Religioso.

Mostrar qué o Senhor D. Pedro o Grande de Portugal foi um Principe perfeito — um Soberano justo — um Guerreiro generoso — um Principe Catholico, eis todo o objecto desta Oração.

Começo.

Uma Oração funebre não é outra cousa que um Processo, que se fórma sobre a vida e acções do Heroe morto. O orador expõe e refere os factos brilhantes, que o Heroe praticou, a verdade preside a esta exposição. E' dever do Orador rebater as arguições, se algumas se tem feito. O Povo escuta, decide. Elle é o Juiz. Era costume entre os povos antigos, julgar, depois de mortos, os seus Soberanos. Os Egypcios não os sepultavam sem que o Povo os julgasse. A morte os entregava ao Juizo do Povo, e este lhes concedia ou negava as honras sepulchraes.

O Heroe de quem eu tenho a honra de fallar já foi julgado. O Povo Portuguez já proferiu a Sentença. Um anno decorreu desde o dia infausto de sua lamentada morte, e ainda não cessaram de correr as nossas lagrimas, ainda não poude enxugar-se o nosso pranto. Todos os Portuguezes pagaram ao Libertador o tributo de suas lagrimas, de seu lucto e saudade. Um só dia não se passou, sem que a voz publica a cada hora, a cada momento o chame á vida, clame por seu Nome excelso. A Europa lhe fez justiça, o mundo inteiro o contou já entre os Heroes. *A morte de Pedro o Grande de Portugal*, dizem os homens livres, *foi uma calamidade para a causa sagrada da civilisação e da liberdade.* Os povos, que ora luctam armados contra a tyrannia, julgaram o Heroe Portuguez. *Desfez-se*, disseram elles, *essa porção elle-*

ctrica, que a pó a nada reduziu a escravidão. Desappareceu, não vive o Amigo dos Povos, a cujo Nome tremiam despotas e tyrannos. Ah! um novo esforço façamos, sacuda-se o jugo, e a exemplo dos Lusos, saibamos ser livres.

Os inimigos dos Povos, os despotas e tyrannos tambem julgaram o Pae da Patria, o Heroe Portuguez: e sua Sentença não lhe foi contraria. *Animo, coragem*, disseram uns aos outros, *morreu esse Principe contrario a nossos direitos. Não existe já esse exemplo funesto que nunca fora visto sobre a terra; não vive, morreu o Filosofo, que nascido na purpura ousou dar aos povos direitos, representação e voto. Morreu esse Soberano que se sentia abafado na athmosphera dos thronos; que delles desceu aos braços dos povos. Morreu, não existe, e nossos escravos que já mormurando contra nós formavam terriveis planos de rebellião e liberdade, ainda um dia, porque Pedro morreu, nós poderemos rege-los como rebanhos de gado.* Finalmente, Senhores, todos os homens de bem, que prezam a honra clamam a uma voz que a morte do Grande Pedro foi uma desgraça para a causa da civilisação, da justiça e humanidade. Por esta fórma julgado o Heroe que mais nos resta? Eu podia, Excelsa Senhora, sem me afastar das regras precisas, que a arte me prescreve, pôr termo aqui á Oração Sagrada, e sentado nos degráos do Tumulo carpir, chorar com o Povo sobre as Cinzas do Pae da Patria nossa desgraça. Mas não. Eu não receio enfadar os Portuguezes, quando lhes contar de Pedro o Grande os nobres feitos. Eu vou referi-los e a Nação Portugueza confirmará a Sentença já proferida em favor do Heroe, proclamando-o outra vez Principe perfeito.

O Muito Alto e Poderoso Senhor D. Pedro de Alcantara Bragança e Bourbon viu a luz do dia no Real Paço de Queluz a 12 de Outubro de 1798, e neste mesmo logar trinta e cinco annos, onze mezes e doze dias depois acabou sua preciosa existencia. E' neste pequeno circulo que ides ver o Principe perfeito, o Rei justo, o Guerreiro generoso e o Homem catholico. Foi o Principe o terceiro fructo do Con-

sorcio celebrado entre SS. MM. o Senhor Rei D. João VI. e a Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. O Principe teve aquella educação, que era costume dar-se em Portugal aos filhos dos Reis, e pode dizer-se, sem receio de faltar á verdade que o Principe quanto adquirio de conhecimentos, de experíencia, de filantropia, de cultura no seu espirito foi devido á sua bella indole, aos seus ardentes desejos de instruir-se, e ao amor que tinha aos seus similhantes, que havia de governar um dia.

Passando ao Brasil no fim do anno de 1807 com seus Augustos Paes procurava ahi com summo disvelo a sciencia, que a politica afastava delle com ardil. Quanto o Principe via, observava ou ouvia na corte achava quasi sempre uma decidida reprovação em seu nobre coração, em sua alma franca, em seu genio incapaz de doblez. O Principe suspirava por instruir-se nos usos, costumes, habitos e privaçòes dos povos que deviam algum dia ser subditos seus. Quantos esforços, tantas vezes repetidos, quantas baldados fez o Principe para vir a Portugal apprender a Arte da Guerra nessa lucta porfiosa, da qual pode dizer-se, abalou todas as Dinastias e Thronos da Terra, armou uns contra os outros todos os Povos, e no fim da qual o homem maior que vira o mundo, victima de seus proprios erros e das traições daquelles a quem beneficiára foi acabar sua existencia sobre um rochedo no meio dos mares, chorado dos poucos amigos, temido e respeitado de todos! O Principe, foi reduzido, para instruir-se, a seus proprios recursos.

Eu não pretendó culpar o venerando Monarcha o Senhor D. João VI. Nós sabemos que só aos homens extraordinarios é dado exorbitar-se fora do circulo dos erros e abusos em que foram creados, estes erros, estas prevenções acham-se no palacio e na choupana em todas as classes. O Rei fez educar seu filho, como elle mesmo fôra educado. O Grande Pedro estudava como a furto as sciencias naturaes, recatando da côrte os livros e instrucções que os amigos lhe davam. Os exercicios militares faziam o objecto mais caro ao seu coração; tambem esta classe era

sobre todas a sua predilecta. Estranho aos negocios, e á politica, que recatava e escondia do Principe os segredos do gabinete, posto que nada escapava á sua penetração, S. A. R. gastava a maior parte do tempo em estudar os homens. A 18 de Maio de 1817 o Principe casou com a Muito Alta Senhora Dona Maria Leopoldina, Archiduqueza de Austria, e deste feliz consorcio nasceu V. M. F. e os Principes existentes no Brasil vossos Augustos Irmãos.

Somos chegados a uma épocha em que os sentimentos politicos do Principe se manifestaram pela força dos acontecimentos e pela natureza das cousas. Epocha em que se chegou a duvidar da fidelidade do Principe ao Rei, do qual era subdito o mais fiel, filho obediente e amigo leal. Epocha em que os velhos abusos do antigo regimen soffreram em Portugal o golpe mortal, de que nunca mais poderão levantar-se; golpe que abriu o caminho a uma ordem de cousas justa e razoavel que em tempo proprio devia estabelecer-se e ficar permanente. Epocha em fim na qual o Principe Real, levado pelos acontecimentos, não fez senão cumprir á risca as ordens positivas que recebêra d'ElRei seu Pae.

Aos males que necessariamente resultam de uma guerra tão prolongada como a peninsular, e aos que resultaram da ausencia da Côrte, accumularam-se sobre nós os que nos fez um governo fraco, tyranno, ignorante e feroz como o da Regencia, que só pretendia conservar-se pelo medo e terror. Todas as Ordens do Estado, todas as Classes da Nação gemiam oppressas debaixo deste jugo insupportavel. Os gritos e gemidos do Povo eram despresados dos que regiam nossos destinos, e o Venerando Monarcha quasi a duas mil legoas de distancia, não só ignorava nossos padecimentos, mas illudido e enganado nos acreditava felizes. Nosso numerario tinha desapparecido da circulação, nosso bravo e valeroso Exercito que se cubrira de gloria quando aggressor ou aggredido arrastava no pó e na miseria os horrores de uma vida ignobil. A Inquisição e a Policia espreitando, interpretando passos, gestos, palavras e os mesmos pensamentos eram os sustentaculos da Regencia. As fo-

gueiras do Campo de Sant'Anna tinham levado a desesperação e o horror aos peitos Portuguezes, e nós que n'outr'ora espantaramos a terra com feitos nobres e valorosos, eramos uma Colonia do Brasil, um povo de escravos, mandados ao cadafalso ao aceno do estrangeiro! Extincto o commercio, moribunda a agricultura, nossas artes em desprezo, nossas fabricas ou queimadas ou inutilisadas, nossas manufacturas em descredito, a gloria nacional eclipsada, nosso nome tornado obscuro, o Rei ausente... O' Ceos, que horrivel situação a nossa!

Foi então em 1820 que a Heroica Cidade do Porto levantou o grito da liberdade a par e simultaneamente com o do seu Rei, a quem toda a Nação fazia justiça de acreditar estranho a todos os seus padecimentos. Este grito foi repetido ém todo o Portugal, e seja dito e confessado, que se houve Portuguezes que não approvassem a maneira porque as cousas se fizeram, um só Portuguez não houve que não julgasse necessaria uma fortissima medida, que mudasse plenamente o penoso e cruel estado de nossa opprobriada Nação. Este grito de Rei e liberdade retumbou alem do Atlantico, repetiu-se no Brasil, na Côrte do Rio de Janeiro, e foi então e só então que o venerando Monarcha o Senhor D. João VI, teve noticia de nossos soffrimentos. Todo o Brasil reuniu suas vozes ás de Portugal, e repetiu com ardor e enthusiasmo o grito de Rei e liberdade. O Principe Real ouve com prazer e satisfação proclamar seus principios, sua alma pura, franca, incapaz de disfarce não lhe permittiu moderar seus transportes. Subdito fiel, filho obediente, amigo leal disse com franqueza a ElRei, que elle vivia enganado, pediu-lhe que tornasse feliz o povo, e segurasse o seu Throno identificando com os interesses da Nação os seus proprios interesses. O homem que preza a honra, que se ama, que respeita e ama o seu similhante é aquelle que eu chamo para responder-me se algum Principe das antigas idades ou da presente se portou com tanta sabedoria e dignidade como o Principe D. Pedro? Nenhum até hoje.

ElRei tem Conselho, e éste decide que o Prin-

cipe na qualidade de Regente venha para Portugal presidir a nossos destinos; mas uma condição pesada e dura, a que pretendem sujeita-lo, leva S. A. R. a recusar decidamente a missão, (*) de que o encarregavam. Resolveu-se então a vinda d'ElRei, e que o Principe ficasse regendo o Brasil. O Senhor Dom João VI, despedindo-se de seu Filho lhe disse as seguintes palavras, que todos os Portuguezes devem conservar de memoria, para defender o Heroe Libertador da imputação mais virulenta e injuriosa que se lhe podia fazer: » Principe, quanto te for possivel » sustenta o Brasil unido a Portugal na obediencia » a teu Rei e Teu Pae; mas se isto não poder fazer- » se, porque os acontecimentos o estorvem, não con- » sintas que este Reino passe a outras mãos. Fica tu » com o Brasil, porque és meu Filho e Successor. »

Todos sabem que o Principe Real fez todos os esforços para conservar o Brasil unido a Portugal e na obediencia a ElRei seu Pae, e todos sabem tambem que uma serie de acontecimentos, que se multiplicavam e nasciam uns dos outros tornaram impossivel isso que ElRei queria, que o Principe muito desejava, e que já era difficil no tempo em que ElRei saiu do Brasil. A desapparição dos Deputados do Brasil das Côrtes de Lisboa; pretendidas accusações contra os Portuguezes; figurados projectos contra o Brasil; os receios dos Brasileiros de soffrerem os mesmos males, ausente o Governo, que tinham levado os Portuguezes a proclamar o Rei com uma Constituição; e finalmente a guerra e as perseguições que

(*) O Conselho decidiu qne o Principe viria a Portugal extinguir a revolução, e para se assegurarem de que assim o faria devia ficar como em refens a Princeza Real e seus filhos; o Principe não quiz sugeitar-se a tal, porque não queria outro Governo senão o Constitucional Monarchico emanado do Throno. Tanto é isto verdade que resolvendo o mesmo Conselho que se pedisse ao estrangeiro uma esquadra e quinze mil homens para extinguir a revolução, o Principe disse a ElRei, que se fazia similhante cousa a que seus conselheiros o levavam, elle fugia do Brasil e vinha a Portugal por-se á testa dos homens livres. Ainda hoje na sala dos Passos na corte do Rio de Janeiro ha um alçapão, que o Principe mandou fazer, para evadir-se por elle com sua Augusta Esposa, os Principes seus filhos e dous amigos, um dos quaes hoje vive em Lisboa.

se faziam na Europa aos principios liberaes, e aos que os professavam, reunida esta guerra á dos partidos, e a uma rebellião atroz e perfida que se manifestou então contra ElRei, tudo isto conduziu, Senhora, o Augustissimo Pae de V. M. F. a emancipar o Brasil, visto que era impossivel, sem a subversão da ordem publica, e a perda total, conserva-lo unido a Portugal.

O Principe cumpriu as ordens d'ElRei seu Pae, e seja-me permittido dize-lo, que essa mão occulta que na Peninsula Hispanica, por todos os meios os mais abjectos e immoraes, esmagava a liberdade, essa mesma mão traidora sustentava a liberdade no Brasil, muito de proposito para estabelecer a scisão do Imperio Portuguez, e conduzia o Principe Real a todos os actos que são para um Principe religioso consequencias necessarias de um primeiro acto firmado com juramento, que o Principe não era capaz de trair, do que toda a sua vida deu as mais exhuberantes provas. E'uma verdade, que ninguem ousará impugnar, que tanta foi a guerra que se fez á liberdade peninsular, quanta foi a protecção que deu ao Brasil para ser e conservar-se emancipado. Embora as desgraças, as mortes, as crueldades e todos os medonhos acontecimentos, de que foram victimas Hespanha, Portugal e o Brasil. A politica não tem cousa alguma a fazer com a moral.

Prostrada a Liberdade em Portugal, estabelecida mui astutamente a desintelligencia entre ElRei e o Principe, entre Portugal e o Brasil nós vimos nascer e ganhar logo espantoso incremento essa facção rebelde e traidora denominada deffensora do Throno e do Altar. Nós a vimos corrompendo e levando a uma completa desmoralisação um filho desaventurado que devia um dia levantar a mão sacrilega e parricida contra seu Rei, e que por uma serie espantosa de crimes devia abismar o Rei, e a Nação n'um occeano de desgraças, das quaes muitas gerações no provir hão de ressentir-se. Esta facção declarou guerra de morte a todos os Cidadãos honrados e fieis ao Rei, quaesquer que fossem seus principios politicos. Levantou o estandarte medonho cuja devisa era desacredi-

tar o Soberano e o Seu Primogenito. A facção constrangeu o Rei, forçou-o e dispoz delle a seu arbitrio. Innumeraveis Portuguezes de todas as ordens do Estado foram lançados em profundas masmorras, metidos em presidios, mandados para insalubres climas, ou tiveram de expatriar-se fugindo uma terra onde não havia repouso. O Venerando Monarcha era inimigo de sangue e perseguição, a torpe facção tendo-o forçado a que não desse a Constituição que promettera ao Povo Portuguez, insultou-o e teve o arrojo de prende-lo no seu proprio Palacio, com escandalo da Europa e do mundo, depois de ter assassinado quasi na Sua Presença um creado fiel, só porque em extremo o amava. O fim da facção era perpetuar a desintelligencia entre o Rei e o Principe Real, accelerar a morte daquelle, excluir este do Throno Portuguez e assentar nelle o jurado inimigo da Patria e da especie humana. O dia 30 de Abril de 1824 leva até á evidencia a verdade dos factos que tenho expendido. O Deus de Affonso Henriques salvou o Rei com seu Braço Omnipotente nesse dia de horror, poupou aos Portuguezes uma nodoa infame de que nossos paes nunca se mancharam, baniu do Solo Portuguez o instrumento de tantos males, trouxe a reconciliação do Rei com o Principe Real, de Portugal com o Brasil, abateu a facção, que facil fora extinguir então se efficazmente isso se quizesse fazer.

Atterrada e silenciosa a facção desappareceram os pretendidos crimes do Principe Real e os Portuguezes tornaram a olha-lo logo como sua unica esperança e refugio. O Principe vai justificar-se por factos, vai desmentir todos os aleives, embustes e crimes de que os inimigos da Patria e do Rei o arguiram; e vai mostrar aos Portuguezes, que merece essa confiança que nelle depositam, subindo ao Throno de Seus Augustos Maiores, onde apparece Rei justo, Amigo do Povo, usando do Poder absoluto que herdara, só e unicamente para dar a Liberdade aos seus Subditos.

Consumido de dor e amargura, fatigado de perseguições e trabalhos, acurvado debaixo do peso enorme de mortaes desgostos, sempre em resguardo con-

tra seus jurados inimigos, que eram os inimigos da honra e da fidelidade o Senhor Rei D. João VI morreu a 10 de Março de 1826, deixando installado um Conselho de Regencia, presidido por S. A. R. a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria por decreto de 6 do mesmo mez e anno. Em quanto neste tempo os amigos fieis da Augusta Dinastia de Bragança, os Portuguezes honrados e fieis esperavam paz, ordem, Liberdade das Augustas Mãos do novo Rei, a facção cruel e sanguinaria, esperava com impaciencia ver renovadas as scenas tragicas de Salvaterra e de trinta de Abril. A facção fallava bem alto e escrevia para o Brasil, que o novo Soberano devia punir com exterminio e morte todos os amigos da Liberdade. *Noli pati illos esse inoxios* gritava um scelerado no Templo do Deus vivo (*).

Porem, Excelsa Senhora, ElRei o Senhor D. Pedro IV sabe a 26 de Abril de 2826 que seu lamentado e perseguido Pae succumbíra ao peso enorme das perseguições e trabalhos, ralado de amargura e mortaes angustias, e seu coração terno e bom é ferido como de uma pontaguda lança, S. M. deu ás lagrimas e á dor todo esse dia, e no dia seguinte o Sol illumina o Acto primeiro do seu Reinado. Portuguezes, o novo Rei dá a toda a Nação uma amnistia, por opiniões politicas, a mais generosa, a mais ampla, que nenhum Soberano antes delle, e por ventura nenhum outro no andamento dos tempos dará aos povos. Nenhuma excepção, considera-se o Pae, o Amigo de todos, sacrifica no altar da Patria todos os resentimentos que podia ter. Uma amnistia que só teve similhante nas que elle mesmo ainda um dia dará a culpados no excesso de sua incomparavel bondade. Por este decreto de 27 de Abril o Senhor D. Pedro IV reune á roda do seu Throno toda a Familia Portugueza, o Manto Real do Rei Magnanimo

---

(*) José Agostinho de Macedo pregando na Basilica da Estrella no dia do Santissimo Coração de Jesus em 1826, gritava ao Senhor Rei D. Pedro IV, que elle reconheceu Legitimo Soberano = Que matasse todos os Liberaes, que exterminasse os Constitucionaes, que fizesse o mesmo que Salomão aos inimigos de David, e não concedesse a vida a um só = Noli pati illos esse inoxios.

cobre, para não serem punidas, opiniões, erros de intendimento, por ventura crimes da seducção e da ignorancia. As portas da Patria são abertas aos amigos da liberdade, innumeraveis familias, até então em lagrimas e amargura, recebem e abraçam os paes, os irmãos, os esposos, os filhos, os amigos, tudo exulta excepto o crime, o odio e a vingança. O nome excelso do Rei é repetido com amor e respeito em toda a Monarchia.

O dia 29 de Abril allumia outro Acto do novo Soberano, que espantando o mundo inteiro, elevou o Rei acima de todos os Monarchas que des d'o berço do mundo regeram os povos, e acima de todos os que nos seculos a porvir praticarem o mesmo, e nas mesmas circunstancias, que fez o Senhor D. Pedro IV. Elles terão o merecimento da imitação, e por isso serão louvados, mas a gloria da invenção é privilegio exclusivo do Rei Filosofo, de Pedro o Grande de Portugal. S. M. outhorga livremente aos Portuguezes uma Carta Constitucional, na qual a Religião tem garantidos seus dogmas e moral, o Throno sua magestade e direitos, a Nobreza as suas regalias, o merecimento, os serviços e os talentos a sua recompensa e consideração, o Povo os seus foros, o pensamento a sua liberdade, a propriedade a sua segurança. Pode dizer-se, Senhora, de Vosso Augustissimo Pae com mais razão, o mesmo que se disse de Alexandre Magno. A terra emmudeceu na sua presença. *Siluit terra in conspectu ejus.* O Rei da Macedonia emmudeceu todas as familias da terra pelo estrepito das armas, e pelo valor de suas falanges. O Augusto Pae de V. M. F. fez emmudecer toda a idade presente, que possuida de pasmo e admiração, não tem expressões com que manifeste a sua gratidão ao Rei Filosofo, que liberta o Povo. Portugal, a Europa e o mundo emmudeceram á vista deste facto espantoso. *Siluit terra in conspectu ejus.* (*) Ninguem o obriga a dar esta Carta, ninguem mesmo ousa supplicar-lha. Sua sabedoria a julga necessaria; sua filantropia conduz sua grande alma a libertar os Portuguezes; seu

(*) 1.° dos Mach. c. 11. v. 52.

coração verdadeiramente paternal o decide a tornar livres os seus subditos. D. Pedro não reinará sobre escravos. Aquelle Principe, que dera a liberdade aos seus subditos Brasileiros, que jurára conservar-lhes e defender-lhes a liberdade, que por não trair este juramento não unira em 1823 o Brasil livre a Portugal escravo, patentea neste brilhante dia á face do mundo todos os motivos que marcaram sua conducta passada e tinham regulado seus passos. O genero humano conheceu então de uma vez para sempre que a politica nunca acharia no Grande Pedro um prejuro, um tyranno inimigo do Povo. O Senhor Dom Pedro IV. appareceu um Soberano justo.

O dia 2 de Maio de 1826 allumia outro Acto de generosidade, de amor, de ternura o mais brilhante que os seculos viram, e que não tem precedente revestido das mesmas circunstancias na historia do mundo. Este novo Acto colloca de novo o Rei bom e justo acima de todos os Principes. Outra dadiva, Portuguezes, outra prova do ardente amor do immortal Pedro á Nação Portugueza, outra dadiva á Patria, que lhe dera o berço. O Rei nos deu, Augusta Senhora, a V. M. F. para Nossa Rainha. Abdica em V. M. F. a Corôa de Portugal, que herdára de seu lamentado Pae, o Grande Pedro constitue a primeira e mais querida de suas Augustas Filhas Nossa Rainha, para reger os Portuguezes com a Carta e pela Carta. Sobre a lei de 29 de Abril assenta esta generosa doação, e sobre esta lei, sendo jurada, e sobre esta doação se firma o Throno de V. M. F. Mais uma condição houve aconselhada pelos inimigos da liberdade, ou por esses homens credulos, a quem nenhuns factos servem de lição, nenhuns acontecimentos ensinam. O Valoroso Duque de Bragança raspou cheio de indignação a condição segunda, que o Rei D. Pedro IV. escrevêra no Acto da Abdicação da sua Corôa, enganado pela hypochrisia. Não recêe, Senhora, que eu profane estas Honras Religiosas que V. M. F. como Filha grata, como Rainha justa, como Catholica consagra hoje á memoria do mais digno e extremoso dos Paes recordando essa condição ou proferindo um nome odioso a tudo quan-

to preza a honra e a virtude. Povos da terra, Nações, dizei o que mais podia fazer a favor do seu Povo um Soberano para merecer o nome de Justo, e de Pae da Patria, de Amigo dos homens? O que mais é preciso? Dizei: Sustentar estas dadivas preciosas, que fez aos Portuguezes, com a espada na mão combatendo os inimigos, sacrificando pela Rainha e pelo Povo seu socego, sua saude, seus bens, a vida e tudo quanto possue sobre a terra? Elle o fará, Portuguezes, vós o ides ver, confessareis comigo que o Heroe Portuguez foi um Principe perfeito, um Rei justo e o Soberano mais digno que veio ao mundo.

Senhora o respeito devido á Sanctidade da Casa do Altissimo, ás illustres e preciosas Cinzas do Libertador da Patria, á Presença de V. M. F. e finalmente ao Sagrado Ministerio, que exerço me obrigam a evitar quanto possivel for a recordação de factos que possam excitar nesta Illustre Assemblea sentimentos de odio ou vingança, e eu confio que a Presença dos Despojos mortaes do Heroe Portuguez, que hoje choramos abafem, quando não possam aniquilar recordações horriveis, que ninguem pode sem terror e indignação trazer á memoria. Quem me dera poder eu arrancar do livro da Historia essas paginas de sangue onde a par das mais brilhantes virtudes, dos feitos os mais nobres, da mais completa e generosa dedicação estão escriptos os crimes, as traiçoes, os perjurios, as vilezas, infamias, espoliações, scenas patibularias, exterminio, prisões, roubos, blasfemias e alfim as lagrimas e os gemidos de tantos innocentes! Quem me dera poder apagar da memoria da idade presente as iniquidades que ella viu e presenciou, iniquidades que nos seculos vindouros parecerão tão fabulosas, como os heroicos sacrificios que nos salvaram! Quem podera . . . ! Mas é um impossivel esquecer, nossos olhos o viram, nossos ouvidos escutaram... O Grande Pedro para salvar-nos de tantos males sacrificou sua preciosa Vida. Nós choramos hoje sobre suas Cinzas.

Arronches, Coruche e Celorico da Beira, as Pontes da Barca e dos Arcos viram com pasmo os nobres esforços dos Portuguezes livres, que tiveram a

gloria de abater e confundir no pó essas hordes armadas de escravos despresiveis, que ousaram, com vergonha do mundo rebellar-se contra o Rei e a Carta no mesmo dia 31 de Julho de 1826 em que ella foi jurada. Portugal e a Europa viram á força de crimes e enganos a facção rebelde abatida e vencida por tantas perdas, não só foi acolhida em uma Nação visinha, mas sustentada e protegida em Portugal. A Europa viu com espanto como foram agasalhados e deffendidos os rebeldes, e a maneira porque foram perseguidos os valentes que os venceram, e como os Cidadãos mais decididos pelo seu Legitimo Soberano, os que deffendiam e sustentavam com seus escriptos a Legitimidade do Rei, da Carta, da Rainha e da Liberdade, os Membros mais conspicuos do nosso Parlamento foram perseguidos, presos e processados! Portugal e a Europa viram com escandalo e horror como os gritos e os gemidos de um Povo fiel, que só pedia lhe conservassem intactas as dadivas preciosas de seu Soberano, estes gritos e supplicas não só foram desattendidos, mas até processados como crimes de alta traição, como factos desorganisadores da ordem publica. Finalmente Portugal e o mundo viram com espanto e horror applainados todos os caminhos, removidos habil e astutamente todos os obstaculos, para que a traição triumfasse, o Povo Portuguez fosse escravo, a Carta dos Direitos de V. M. F. e dos nossos fosse rasgada, e para que V. M. F. fosse espoliada do Throno que Seu Augusto Pae lhe dera. Assim á força de crimes chegou a Portugal o suspirado do crime e da traição e no momento em que elle poz os pés em Lisboa, nesse momento Rainha, Carta, Cortes, Liberdade, Direitos, Virtude desappareceram da nossa terra sobre a qual estendeu o despotismo e a morte seu braço destruidor. Lá se revolta contra o crime essa heroica Cidade, que um dia ha de tomar o primeiro logar nos fastos da Liberdade. Alli voam os valentes deffensores da Patria; alli se reunem os homens livres; alli se juntam muitos corpos do Exercito, e uma divisão se fórma tal e tão valente qual nunca Portugal tivera nos dias da sua grandeza. Não faltam forças, ha valor, ha todos

os recursos, já a usurpação vacila sobre o throno roubado, já os ministros do crime vacilantes e incertos projectam fugir da Patria que haviam trahido, quando acontecimento espantoso! Tudo se desfaz, tudo desapparece, e a revolução mais legitima, mais justa, mais nobre que viram os seculos acabou, desfez-se no meio de embustes, de intrigas, e de lisongeiras esperanças que os inimigos da Liberdade deram a beber a longos tragos em douradas taças. Os deffensores da Rainha, os valentes de Portugal, sem saberem como, viram-se em terras estranhas, comendo o pão amassado com lagrimas, e esperando o dia e o tempo em que desmascarada a hypocrisia viessem libertar Throno e Patria conduzidos pelo Valeroso Capitão, que devia ver com seus proprios olhos, como, quando, por quem e de que maneira havia sido trahido e enganado.

A mesma politica doble e traidora que tantos males nos causara, aconselhou, Senhora, a Vinda de V. M. F. do Brasil para a Corte de Vienna d'Austria, e esta medida, que se se verificasse consumaria a nossa desgraça, e a de V. M. F., foi impedida por um Illustre Portuguez, que tomou sobre si essa enorme responsabilidade, á qual só sabe dar todo o peso quem teve a honra de conhecer de perto a decisão do Senhor Rei D. Pedro IV. Quando outros muitos servissos não houvesse feito este Illustre Portuguez, este era bastante para que nunca seu nome fosse menoscabado. (*) O Augusto Pae de V. M. F., ignorando quanto se passava em Portugal e na Europa, tinha declarado verificadas e completas as condições da Abdicação da Corôa, desceu do Throno reservando só para si os sagrados titulos de Tutor e Defensor de V. M. F. que a natureza lhe concedêra como Pae.

(*) O Orador allude ao Duque de Palmella. E' certo que os Excellentissimos Visconde de Itabayana e Marquez de Rezende tiveram parte nesta medida, que impediu a ida de S. M. F. a Rainha para Vianna d'Austria. E' nosso dever confesssar que os dous Illustres Brasileiros prestaram grandes serviços á Causa da Rainha e da Liberdade motivo porque o Immortal Libertador os condecorou, e ao Visconde de Itabayana a Nação grata a seus serviços e aos soccorros prestados á Causa da Liberdade e aos emigrados lhe decretou uma pensão.

A despeito de tantas desgraças, e da ruina geral de nossos negocios, sempre V. M. F. teve no Territorio Portuguez um ponto no qual o Throno, o Augusto Nome de V. M., a Carta da nossa emancipação, os seus direitos e os nossos, a nossa fidelidade e juramento se salvaram. Nos escarpados rochedos da Terceira estava o invicto Batalhão de Caçadores 5, que nunca dobrou o joelho diante da usurpação, que nunca serviu a escravidão, e nunca quebrou o juramento que dera a V. M. F. e á Carta. Sete Illustres Portuguezes, de quem a historia conservará os nomes respeitaveis, treparam por estes rochedos, e unidos ao valoroso Batalhão sustentaram a Causa da Patria, com mais valor que Pelagio nas serranias das Asturias contra os volcões da anarchia e da rebellião, maiores ainda que esse que tirára do profundo do Oceano aquelles penhascos. Aqui vieram parar os defensores da liberdade atravessando os mares, arrostando a morte, e illudindo a vigilancia dos inimigos, que bloqueavam a Ilha. Daqui foram repelidos outros, não se lhes permittindo saltar em terra, sob o pretexto de uma palavra = Não intervenção = que, como Theologo, não sei definir, e que nem sempre a explica da mesma maneira a Diplomacia que a escolheu e chamou em seu serviço. O Heroe Portuguez sabe na Côrte do Rio de Janeiro estes nobres acontecimentos, reconhece mais uma vez o valor e fidelidade dos Portuguezes, presta-lhes todos quantos soccorros pode, nomeia uma Regencia, que a despeito dos maiores perigos sahe de Inglaterra, e vai estabelecer-se na Terceira. Já o dia brilhante de 11 de Agosto de 1829 havia ensinado á usurpação na Villa da Praia o valor das Tropas da Rainha, e a differença que ha entre cidadãos livres que pugnam pela Patria e seus direitos, e o soldado escravo que peleja em defeza de seu senhor, a quem vendêra a vida e liberdade. V. M. F. saindo de Inglaterra a 29 de Agosto do mesmo mez e anno para o Brasil na companhia da Excelsa Filha do Heroe de Italia a Senhora Princeza Amelia, com quem o Heroe Portuguez passára a segundas Nupcias, teve a satisfação de referir a seu Augusto Pae, como os valentes de-

fensores da Terceira haviam repelido as forças da usurpação, e como o General, os Voluntarios e as Tropas da liberdade se haviam adornado de viçosos louros. V. M. F. viu e observou como S. M. I., afora os soccorros pecuniarios com que soccorria os defensores da Terceira, declarava á Europa e ao mundo que nunca transigiria com os inimigos de V. M. Promessa que S. M. I. cumpriu com o maior escrupulo e exactidão.

Em fim o Deus de nossos paes, compadecido da Nação Portugueza, offendido dos crimes que manchavam o Solio Lusitano, commovido dos gemidos de tantas viuvas, orfãos, pupillos, não podendo tolerar mais a profanação do seu Sanctuario, nem que a impostura e o crime esmagassem por mais tempo a innocencia e a virtude, querendo premiar o valor e a constancia de tantos justos, que não haviam manchado sua consciencia, nem violado a santidade do juramento, chamou do Brasil o Heroe Portuguez, como n'outr'ora chamára o Patriarcha da Mosopotamia, manda-o sair do meio daquelle Povo para um logar que vai mostra-lhe, onde mais nobre empreza, trabalhos mais uteis á humanidade lhe vão ser commettidos. Como chamára a Cyro para punir os culpados, chamou a Pedro o Grande para punir o perjurio e a traição, e da mesma maneira que fallára a Josue, o Senhor lhe diz = Conforta-te, tem animo e valor, a ti, ó Principe, cabe a gloria de conduzir o meu povo á terra por que suspira e de que é digno = *Confortare et esto robustus, tu enim introduces populum meum in terram.* (*) Já o Heroe, a quem nem o poder, nem as grandezas do mundo nunca prenderam, nem fascinaram, que sempre as víra com os olhos de verdadeiro filosofo, que nunca se propoz outro fim no seu governo senão o bem estar e a felicidade dos Povos, já desce do Throno do Brasil, e abdica esta Corôa em seu Augusto Filho a 7 de Abril de 1831. Parece que o Senhor D. Pedro não queria o Poder senão para ter o raro, mas para S. M. I. muito doce prazer de o abdicar em seus Filhos. A

(*) Deuth. C. 31 v. 7.

mesma generosidade com que abdicára a Corôa de Portugal sem prover á sua sustentação e dos Principes seus Filhos, sem prevenção para acontecimentos que não eram senão muito possiveis, com a mesma generosidade, desinteresse abdica a Corôa do Brasil. Nunca existiu um Principe que tivesse tão illimitada confiança na generosidade e bom senso dos Povos. S. M. I. sahe do Brasil com a Rainha, com sua Augusta e Virtuosa Esposa e com poucos creados fieis, que se offerecem a acompanha-lo.

O mesmo homem, o mesmo filosofo no Throno e na vida privada, S. M. I. faz as delicias e o espanto de todos os que tem a fortuna de ve-lo e trata-lo. A restituição do Throno á Rainha, a Liberdade dos Portuguezes, a salvação da Patria em que nascera estas as idéas que occupavam a Imaginação do Heroe, sem todavia tomar uma resolução deffinitiva ácerca da maneira de intentar e poder levar ao fim esta nobre e gigantesca empreza. Mas estas mesmas idéas mais e mais vigoram e levam o Principe a tomar uma deffinitiva resolução, quando nas aguas do Fayal sabe que os bravos da Terceira, capitaneados pelo seu invicto general embarcados em pequenos botes de pesca, luctando com as empoladas ondas daquelle archipelago, arrancavam das garras da usurpação todas aquellas Ilhas. Exforços mais que humanos, dedicação mais nobre que a de Mario, firmeza superior á dos deffensores dos Termophilas, denodo e valor acima das falanges Macedonias e Romanas persuadiram a S. M. I. que os Portuguezes queriam ser livres, que eram dignos de o ser, e que finalmente em deffesa da Rainha e da Liberdade darão as suas vidas. S. M. I. chega á Europa e toma o Excelso Nome de Duque de Bragança. Os Portuguezes exultam, reanimam suas esperanças, recordam-se do glorioso anno de 1640 em que caiu pelos esforços de nossos paes o jugo da usurpação, e esperam o restabelecimento do Throno da Rainha e da Liberdade Portugueza. O Duque de Bragança colloca-se á frente da emigração, e declara franca e lealmente aos Potentados da Europa, que na unica qualidade de Pae e Tutor de V. M. F. vai reivindicar

para V. M. F. o Throno que lhe havia doado, e a Patria e a Carta para os Subditos de V. M. Que heroica resolução! Mas, Excelso Principe, acaso não sabeis que vos faltam todos os recursos para tão grande empreza, menos o vosso valor e o dos Subditos da Rainha? Acaso ignorais que a usurpação tem oitenta mil homens em armas, oitenta mil soldados, preparados d'antemão contra a causa da honra e da virtude por uma serie não interrompida de embustes, aleives e falsidades? Por ventura vos é desconhecido que as costas de Portugal estão guarnecidas de reductos, baterias e fortalezas, deffendidos por homens fanatisados, que julgam servir a Deus se repelirem e matarem o temerario que ousar chegar-se áquellas praias? Não sabeis finalmente que o povo enganado por falsos sacerdotes está conjurado contra os deffensores da Rainha, como contra inimigos de Deus e da Religião?

Tudo isto sabe e conhece o Heroe, mas Elle tambem sabe qual é o valor e a coragem de Cidadãos livres que peleijam pela sua consciencia e pela Liberdade. Sabe que a força numerica dos Exercitos pode impor á multidão, mas que ella nada tem a fazer contra a disciplina das tropas regulares, nem contra o valor e pericia da officialidade e dos generaes. Conhece muito bem o Heroe a superioridade que tem o soldado que se bate pelos seus direitos e pela sua Patria, sobre o soldado, que não conhece outros direitos que a paga pela qual vendera seu sangue, honra e consciencia. Principe Religioso conhece que Deus não abandona a causa da justiça e da innocencia, quando os que a deffendem empregam os meios a seu alcance. O Grande Pedro resolve salvar a sua Patria, esta nova espalha-se por toda a Europa, Sua Firma garante os emprestimos, sua coragem vence e corta todas as difficuldades, os homens livres de todas as Nações simpatisam com a Causa Portugueza e todos fazem ardentes votos pela prosperidade das armas da Rainha.

Chega o dia 25 de Janeiro de 1832, e o Excelso Libertador dos Portuguezes lá se desprende dos braços da mais querida das Esposas, lá se despede, Se-

nhora, de V. M. F. assegurando-a de que ou salvará das mãos da usurpação o Seu Throno, ou acabará sua vida nessa gloriosa empresa. Chega ao berço onde dorme a innocente, a querida Princeza Amelia, que não contava dous mezes de nascida, e que vira a luz do dia em Pariz quando o Duque de Bragança seu Pae presidia em Nome de V. M. F. a nossos destinos. Que forte impressão fazem sobre sua alma estes queridos objectos de que se separa, que por ventura não tornará a ver. .! Oh Ceos! o Heroe sae á pressa da presença de tudo quanto possuia de mais caro, atravessa de Pariz a Nantes cuberto das benção e dos votos de todos os homens livres. Principe Religioso em Nantes confessa-se e communga, parte para Belille, e alli um quadro agradavel á sua grande alma se lhe apresenta. Os Emigrados Portuguezes, dispersos por França, Italia, Allemanha, Paizes Baixos, Belgica e por toda a Europa, e que arrastavam na dor e na indigencia os miseros restos de uma existencia pesada e desditosa, chorando dia e noute pela querida Patria, ouvem que o Duque de Bragança vai salva-la, vai tirar os Portuguezes dos penhascos do Archipelago dos Açores, vai leva-los a Portugal e alli peleijar a guerra da Liberdade. A toda a pressa devorados pelo fogo sagrado do amor da Patria saem dos seus retiros, não hesitam um só momento, não fazem calculos de especulação, salvar a Patria, ou morrer por ella eis o seu motu, partem para Belille, vendem suas roupas, seus vestidos para fazer as despezas da jornada, quasi todos a pé, muitos descalços, quasi nus; illustres officiaes, que tem em seu corpo honrosas cicatrises das feridas que receberam na guerra peninsular; venerandos Magistrados, respeitaveis Ecclesiasticos, grandes negociantes e proprietarios, artistas, lavradores, todos se apresentam ao Excelso Duque, e como os Egypcios ao filho de Jacob lhe dizem = Senhor nossa saude, nossas forças, nosso sangue, nossas vidas, assim como nossas familias, bens e esperanças estão nas vossas mãos. Senhor levai-nos á guerra, não nos recuseis porque nossas faces escalidas, nossos membros debilitados não vos affiançam o valor do nosso espirito.

Senhor, é a fome, são os trabalhos que temos soffrido pela causa da Rainha e da Liberdade. Levai-nos á guerra, conduzi-nos á Patria e ver-nos-heis quaes leões cair sobre os escravos. Levai-nos á guerra e nós serviremos fielmente á Rainha. *Salus nostra in manu tua est, respiciat nos tantum et læti serviemus Regi* (*).

Patria, querida Patria, se nesses dias de dor e de amargura um diluvio de crimes vos cobriu com escandalo do mundo, consolai-vos, porque tambem outros filhos vossos praticaram virtudes heroicas, obraram acções e feitos de tanta magnitude e nobreza que excedem tudo quanto de illustre, nobre e distincto se praticou entre nós des do berço da Monarchia. A' vista de similhante quadro o Heroe agradecido e consternado recebe, acolhe a todos como Pae benigno, como Amigo fiel, e agradecendo-lhes em Nome da Rainha tão generosos esforços, dá logo as ordens mais positivas para que sejam alimentados e conduzidos aos Açores. A bordo da Fragata Amelia o Heroe Portuguez publíca esse Manifesto que será em todos os tempos um monumento perpetuo dos direitos de V. M. F., da justiça e generosidade de seu Augusto e lamentado Pae, da sua filantropia, e dos nobres sentimentos de sua grande alma. S. M. I. escreve a todos os Soberanos da Europa, e lhes envia aquelle Manifesto. A intriga emudece, desvanecem-se as desconfianças, que alguem ousára conceber das verdadeiras intenções de tão grande Principe, e a politica não se atreve a impedir um projecto o mais nobre, o mais justo, e por ventura o mais temerario que os seculos viram. A 10 de Fevereiro a pequena Esquadra levanta o ferro, solta as vélas e caminha ao Archipelago dos Açores. O Ceo quer provar por todos os modos a constancia e o valor do Principe, e uma furiosa tempestade parece querer engolir nas ondas as ultimas esperanças de Portugal. O Heroe não se abala, é inalteravel, consola e anima a todos, corre a todas as partes, e desenvolve, com admiração de todos, conhecimentos de nautica, mais que ordinarios. No dia 21 avista a Ilha de S. Miguel, e a 22 salta

(*) Gen. c. 47. v. 25.

em Ponta Delgada no meio dos regozijos e acclamações dos emigrados e dos illustres habitantes daquella respeitavel Ilha. O Libertador dos Portuguezes põe os pés em territorio portuguez para liberta-los no mesmo dia em que havia quatro annos o exterminador da sua especie tinha saltado em Lisboa.

A 27 S. M. I. sahe para a Terceira, onde chega a 28, a Regencia vem depôr a seus pés o Poder, e supplicar-lhe que tome a Regencia em Nome da Rainha, elle a acceita, e os destinos da Rainha são confiados áquelle que lhe dera a Corôa, a liberdade dos Portuguezes é confiada ao Principe, que, quando Rei, lhes dera a Carta, e a Salvação da Patria é entregue ao Heroe, que, quando Principe Real, não quiz pelejar contra ella, em fim o Duque de Bragança rege os nossos destinos, e á salvação dos Portuguezes sacrifica tudo. O descanço é negado a seu corpo, o Principe não tem de dia um momento de repouso. Revista um a um todos os soldados do Exercito da Rainha, examina todos os petrechos de guerra, todas as munições, todos os recursos, nada lhe parece pouco. Procura augmentar o Exercito, pede aos paes os filhos, que não lhe são recusados. Corre todas as povoações da Ilha, examina os usos e costumes de seus habitantes, observa seu terreno, os fructos que produz, os recursos que pode dar. Projecta melhoramentos que promette realisar. Ao mesmo tempo discute com seus Ministros sabias leis que devem pôr em execução o sagrado livro da Carta que dera aos Portuguezes. Extingue os tributos que pesam sobre o pescado, e vai elle mesmo levar aos pescadores esta alegre nova, que elles julgavam sonho. Prepara as reformas da justiça e do clero, e ao mesmo tempo regula e organisa os corpos do exercito. Consulta a cada momento os generaes e os officiaes mais intelligentes na arte da guerra. Vai uma vez á Ilha de S. Jorge abraçar os emigrados que se acham ali. Vai duas vezes ao Fayal avivar com sua energica presença os trabalhos do arsenal. Solícito por tirar daquelles rochedos os defensores da Patria, dá elle mesmo o modelo das barcas para o desembarque. Tantos trabalhos, tanta affabilidade, tantos exforços lhe ganham

o coração e o amor de todos os subditos de V. M. F. Passa outra vez á Ilha de S. Miguel, e ali faz reunir todas as forças de mar e terra que devem formar a expedição. Estabelece o Governo que deve ficar nas Ilhas, toma todas as medidas para defeza dellas. Publíca as leis das reformas judicial e ecclesiastica, passa em revista os seus soldados, e maravilha-se de ver o Batalhão sagrado composto todo de officiaes, que não tendo logar no pequeno exercito, formaram um corpo respeitavel, e não duvidaram alistar-se soldados, para com a espingarda salvarem a Patria.

O Heroe Portuguez decreta para o dia 22 de Junho de 1832 o embarque das tropas. Quando neste dia memorando a aurora despontou nos horisontes já o Excelso Neto de Affonso Henriques se achava no campo rodeado dos Generaes e Estados Maiores, e formado em ordem de marcha o Exercito da Rainha. Em frente estava no meio do campo o Sagrado Altar de Jesus Christo, e ao nascer do Sol o Ministro da Religião celebrou o Augusto Sacrificio da Missa, e em Nome do Deus de nossos Paes abençoou o Principe e o Exercito Libertador. Acabada a Sacrosanta Ceremonia o Principe fallou ao Exercito. Rosto affavel, serenidade de espirito, simplicidade de dicção. Propõe-lhe a gloria que lhe cabe de salvar o Throno, restitui-lo á Rainha, tornar livre a Patria, quebrar os ferros aos seus concidadãos, não lhe occulta os perigos, declara-lhe a difficuldade da empreza, e conclue que elle vencerá ou morrerá com elles. Taes expressões augmentam a coragem natural das tropas, vivas á Rainha, á Carta, á Patria, ao Regente ao som das musicas retumbam nos ares, e o éco responde com as vozes do Povo os mesmos vivas. Tres dias successivos durou o embarque, e o Principe infatigavel desenvolveu tanta energia que admirou a todos. S. M. I. acompanhou a bordo cada um dos corpos, viu acommodar os soldados, observou as provisões que tinham, nem lhe esqueceu examinar a agua. Se um transporte se desgarra, se nos horisontes se perde, lá fende as ondas o Grande Principe, lá o encontra e o traz ao porto. Todas quantas difficuldades se apresentam o Heroe Portuguez com energica resolução as

corra todas. Pasmam os Generaes, admiram-se os Ministros, o soldado encantado não se farta de vê-lo. No dia 27 a expedição solta a véla, a 8 de Julho desembarca nas praias de Mindello á vista das forças rebeldes, que pasmadas de tanto valor, nem se atrevem a disputar o desembarque, não disparam um tiro. A 9, Senhora, as Bandeiras da Liberdade tremulavam em todos os Baluartes da Heroica Cidade no meio dos vivas dos habitantes do Porto!!!

O Porto recebe o Líbertador de Portugal! O Dador da Carta! O Principe Filosofo! Ah! Roma nos dias de sua gloria não recebeu os seus libertadores com tanta cordialidade, com prazer tamanho. Povo Classico da Liberdade! Cidade Eterna, Heroica, Fiel tu vas eclipsar a nunca murchada gloria de Saragoça e Numancia. Teus filhos, ó Porto vão ser, conduzidos pelo Grande Pedro um Povo de Heroes. A fama vai publicar a tua gloria de envolta com a do Principe amigo dos homens. A historia levará á posteridade coroado de louros com o Nome de Pedro o Nome do Porto. Uma palavra do Excelso Duque, tanto basta = Eu não deixarei o Porto. Aqui hei de peleijar com os Portuenses e o Exercito Libertador a batalha da Liberdade. Aqui restituirei o Throno a Minha Augusta Filha e a Carta aos Portuguezes. Portuenses aqui vencerei ou morrerei comvosco debaixo das ruinas da vossa Cidade » Diz e todos os habitantes do Porto já são soldados! Uma só voz se ouve, *Rainha e Carta ou morte.* As forças da usurpação fogem da esquerda do Douro logo que algumas companhias passam o rio. O Principe Guerreiro não as segue, reconhece os tramas e ardiz da facção, prepara-se no Porto, seus filhos lhe offerecem todos quantos recursos podem. A 22 de Agosto o general rebelde ousa atacar em Valongo nossas avançadas, o Principe voa a Rio Tinto, reune suas forças e no dia 23 quinze mil rebeldes são vencidos e postos em vergonhosa fuga por cinco mil soldados da Rainha em Ponte Ferreira commandados pelo Neto Illustre de D. Sancho Manoel. Com quanto valor, com qual coragem o Excelso Duque de Bragança vê esta porfiosa lucta, este encarniçado combate,

com qual presença de espirito dá suas ordens, com quanta caridade consola os feridos, com quanto disvello os recommenda aos facultativos, com que expressões lhes agradece os sacrificios feitos á Patria e á Rainha pode sentir-se, poude ver-se mas não é possivel descrever-se. Neste dia um valeroso official, crivado de feridas, luctando com a morte, exprime ao Principe, que só sentia não ter mais sangue, não ter mais vidas para sacrifica-las a tão nobre causa!

No dia 24 o Heroe volta Triumfante com o exercito ao Porto a remediar os males de uma sorpreza, de que fora victima um dos vossos subditos, Senhora, mais fieis e illustres. Elle foi illudido, e sua memoria deve ser em benção: e se de tanta fidelidade fosse mister mais uma prova, em vossa defeza deu a vida nas linhas de Lisboa. Lá arde ás mãos do fanatismo religioso o convento de São Francisco do Porto, a fim de que os illustres soldados do Batalhão de Caçadores N.° 5 fossem devorados pelas chamas. O fanatismo sedento de morte e sangue abandonára ás chamas a Santa Eucharistia, d'onde foi tirada por dous illustres Militares o neto de D. João de Mascaranhas, e o Conde de S. Leger. A usurpação raivosa de ver frustrados seus planos poz em pratica suas armas favoritas, as armas dos escravos. Insultos, blasfemias, peitas, seducções, calumnias, desacatos, traições, todos quantos baixos e ignobeis meios pode inventar o crime conduzido pelo fanatismo religioso e politico. Tudo se põe em pratica contra a vida do Principe, que confiado em Deus e no valor dos Portuguezes nada receia, nenhuma cousa teme. Cortam-se todos os recursos. V. M. F., Senhora, havia sacrificado todas as suas joias para que nada faltasse a seu Augusto Pae e ao Exercito. A Excelsa Filha do Heroe de Italia a incomparavel Duqueza Amelia havia sacrificado todas as preciosidades, para que o querido Esposo e o Exercito fossem soccorridos, e ao Principe Guerreiro nunca faltaram os sabios conselhos da Illustre Princeza. O Duque de Bragança é inabalavel em seus projectos, o Porto, os Generaes, as tropas em nada lhe faltam, pelos exforços dos Ministros do Principe de muitos dos pontos do Reino, op-

pressos com o peso da usurpação, mesmo com o cadafalço á vista, se enviam os soccorros possiveis, e votos se fazem pelo triumfo e victoria da Causa da Honra.

Reuníra o Usurpador todas as suas forças. Chama contra o Porto todos os escravos. Elle lhes promette o que os escravos amam, *carnage e roubo*. Lá sobem ao Porto essas hordes de entes immoraes de todas as classes. O refugo, a escoria dos habitantes do Guadiana, do Sado, do Téjo, do Alto Douro, do Minho, de toda a parte vendidos escravos, sequiosos de sangue e de rapina voam á foz do Douro. Aniquilar a Cidade, que dera o nome á Monarchia, eis um projecto digno do senhor e digno dos servos. Entes brutaes exultam dizendo: *nada de liberdade, nós seremos escravos*. Nada receia o Heroe. Suas Mãos Augustas, que dous Sceptros empunharam, agora pegam no picão, na enchada. O Grande Pedro traça a primeira e segunda linha de defeza, e alegre o magestoso semblante, diz aos Generaes e Soldados » na Praça Nova é a terceira linha. Se perdermos as outras aqui morreremos. » Des de 8 de Setembro de 1832 até 18 de Agosto de 1833 contra estas linhas se despregam todas as forças da usurpação, e todas as forças da usurpação se quebram, e são vencidas na presença destas linhas! Destas linhas? Pequenas sebes, são profundos regos! A Presença do Duque de Bragança, os peitos dos Soldados e dos Habitantes do Porto, estes Senhora os baluartes invenciveis que vencem os marechaes de França, que prostram as hordes mercenarias, que as ferem de morte. Quebram-se os bastões dos marechaes de França, que esquecidos de sua passada gloria não tiveram pejo de vir sustentar a causa da escravidão contra a Liberdade, e de um perjuro, contra uma joven e innocente Rainha! Tantas vezes, Senhora, as Linhas do Porto foram atacadas, quantos foram os dias de gloria para Vosso Augusto Pae, para o Exercito Libertador e para a Heroica Cidade.

Tambem não houve barbaridade, ignominia, ferocidade e vexame, que os inimigos da Patria não pozessem em pratica contra o Principe Libertador;